

# KENT DAVIS

## OESTE VERMELHO



# OESTE VERMELHO

KENT DAVIS

## CAPÍTULO PRIMEIRO

### *Um tribunal fraudulento*

Clemens Kent não pôde fazer nada para evitar aquilo. Todas as vantagens estavam com Archie Benson Mac Coy Júnior. Isto porque era filho do mandachuva do lugar: Archie Benson Tarleton, casado com a rica Sarah Mac Coy, que passara a chamar-se Sarah Benson. Pessoas como eles, temidas e poderosas, devido ao dinheiro que possuíam, sempre levavam vantagem em quaisquer cidades daquela época e mantinham as autoridades locais sob controle.

Clemens Kent sempre os viu saírem vencedores, mesmo sendo culpados. Rapazes ricos, nascidos em famílias endinheiradas. Apenas pelo sobrenome, a justiça e a lei os protegiam. O pior era que aqueles jovens

herdeiros acreditavam-se mesmo superiores aos demais. E talvez o fossem, graças à sociedade que os bajulava.

Naquele caso, não houve uma exceção. Kent gostaria de ter mudado o rumo das coisas. Mas não lhe foi possível. Viu morrer seu melhor amigo, Brand Martin, estupidamente. A discussão se iniciara por bobagem. Ninguém imaginou que pudesse chegar àquele final trágico. Bem, o próprio Archie Benson Mac Coy devia sabê-lo com antecedência. Foi ele quem disparou contra Brand Martin. Duas balas de uma *Deringer* de luxo, mortal à curta distância, acabaram com Brand Martin.

O jovem Benson podia ser um filho mimado, um estudante, um fanfarrão e podia ter mil defeitos mais, no entanto sabia utilizar uma arma de fogo. Não foi em vão que freqüentou cursos de tiros ao alvo, sempre se destacando, fosse com um revólver ou com um rifle.

Pena que Brand Martin não estivesse armado. Nem ele, Kent. Sé por isso o moleque rico matou seu antagonista.

Quando viu Martin cair lentamente, Kent não pôde dar crédito a seus olhos, estava vendo morrer seu melhor amigo!

— Brand! — gritou desesperado, correndo para ele. Só conseguiu sustentá-lo nos braços e impedir que o corpo sofresse um impacto maior ao cair. O moribundo mal sussurrou algumas palavras:

— Adeus, amigos... Cuide... de Daisy... para mim... Clem... não quero... morrer...! Morreu, porém, apesar de seu projeto. Vomitou sangue e, logo, ficou imóvel entre os braços de Kent. Este ergueu a cabeça lentamente e fitou os presentes, todos mudos e horrorizados. Archie Benson Mac Coy completou sua vítima com frieza, repondo os cartuchos em sua arma.

— Assassino... — murmurou Kent, muito pálido. — Maldito e estúpido assassino...

— Cuidado com o que diz, Kent — avisou com altivez o jovem Benson. — Não hesitarei em disparar de novo, se me fizer qualquer mal ou me insultar.

— Se, pelo menos, sua voz manifestasse arrependimento, dor ou algum sentimento humano após a crueldade praticada... — Kent deixou no chão do cassino o corpo do morto. Em seguida, levantou-se devagar. — Mas não... Fala como sempre falou, com ar de superioridade, com arrogância e orgulho. Fala assim depois de ter assassinado um homem.

— Mentira! — gritou Benson, empalidecendo. — Todos viram! Eu não podia saber como ele agiria! Eu vi, todos viram quando ele enfiou a mão debaixo da casaca! Agi em legítima defesa!

— Sua casaca... — falou Kent com desprezo. — Só havia dentro dela um lenço. Veja como é quente aqui, com todas essas lâmpadas. Ele suava, como você está suando agora. Nunca usou armas... Você o matou, *sabendo disso*.

— Não, eu não sabia! — gritou o homicida. — Jamais soube...!

— Está mentindo, Archie. Mas vou dar-lhe uma oportunidade. Talvez se saia bem por causa do dinheiro de seu pai. — Kent avançou para ele, os braços erguidos, as mãos desarmadas. — Vamos, atire! Estou sem armas. Atire para matar... ou você será um homem morto!

— Não... Não se aproxime... — arquejou o outro. — Não se aproxime... ou aperto o gatilho!

— Covarde... — insultou-o Kent, continuando a ir na sua direção. — Não vai apertar gatilho nenhum, porque não teria como provar que não é um assassino. E, se falhar, vou fazê-lo em pedaços com minhas próprias mãos.

— Afaste-se, Kent — suplicou o fanfarrão, recuando dois passos. — Juro que vou matá-lo!

— Não jure... Atire!

O jovem Benson não se atrevia, estava assustado. Todo o seu corpo tremia, e um desses tremores precipitou a ação. Apertou o gatilho à queima-roupa. Sem querer, mas o fez. Apenas uma bala do *Deringer*. Clemens

Kent sentiu uma fisgada no ombro, só porque, instintivamente, em um reflexo felino, agachou-se ao pressentir o disparo. O sangue começou a correr pelo orifício da bala, manchando-lhe as roupas. A dor era muito forte, mas ele a dominou. Chegou diante de Archie Benson Mac Coy com uma passada larga. Arrancou-lhe o *Deringer* das mãos, com muita facilidade, O jovem e arrogante Benson tremeu mais ainda e começou a chorar histérico. Kent empunhou a arma do adversário, onde só havia uma bala, e disse com firmeza:

— Comece a rezar todas as orações que sabe...

Houve um momento de tensão no cassino de Saint Louis, Illinois, à margem direita do grande e velho Mississipi. O rapaz rico e mimado estava sem defesa, no limiar da morte, ameaçado com sua própria arma, empunhada pelo homem a quem acabara de ferir covardemente. O homem que foi o melhor

amigo de Brand Martin. Um homem sem dinheiro, sem alta posição social, sem nenhum prestígio. Um homem chamado Clemens Kent, que podia matá-lo em represália... e que parecia disposto a fazê-lo.

O dispam do *Derringer* soaria a qualquer momento. Todos o esperavam, sobretudo porque o cadáver de Brand Martin ainda estava quente.

Equivocaram-se, todavia.

Clemens Kent tirou o dedo do gatilho e utilizou o revólver como objeto contundente. Usou-o para massacrar o rosto do miserável que matara seu amigo. Bateu-lhe até que o sangue lhe desfigurasse as *feições*, descendo-lhe também pelo nariz e pelos lábios.

Quando o viu caído a seus pés, olhou-o com desprezo. Arremessou a arma contra o espelho, que se espatifou ruidosamente. Olhou para os empregados do cassino e para seu proprietário, Luke Lamont, velho amigo dos

Benson. Com uma contração de dor no rosto, segurou o ombro do ferido, do qual continuava a jorrar sangue; sangue que empapava sua camisa e sua casaca.

— Não tenha medo, Lamont — disse irado. — Não sairei sem pagar seu prejuízo. Não queria deixar este animal vivo, mas não sou de sua laia: não mato gente indefesa. Jogou no chão algumas notas e pulou por cima do corpo de Benson.

— Pelo espelho quebrado, Lamont — avisou com amargura. — E para que limpem o chão do sangue deste verme... Quanto a Brand Martin, diga ao xerife que não permitirei que paguem seu sepultamento. Eu pagarei tudo. Deu meia volta e saiu do cassino. Pouco mais tarde, cambaleante, dirigia-se para a casa de um velho amigo, o Dr. Ross.

O médico acabava de fazer-lhe um curativo, quando o xerife e seus dois comissários apareceram para buscar Kent.

— Que querem aqui? — perguntou o Dr. Ross, terminando de pensar o ferimento de seu paciente, depois de tirar-lhe a bala. — Ele não pode prestar declarações agora, xerife.

— Prestará amanhã — olhou para o rapaz com agressividade. — Está preso. Devo levá-lo para a cadeia.

— Ficou louco? — espantou-se o médico. — Não vou tolerar que o tirem daqui enquanto não estiver em perfeitas condições físicas!

— Deixe, doutor — falou mansamente Kent, levantando-se e olhando com frieza para John Craig.

—De que me acusa, xerife?

—Perturbação da ordem, vandalismo no cassino *River Queen*, agressão ao filho de Benson Tarleton, ameaças de morte e várias outras coisas — suspirou Craig, encolhendo os ombros em seguida. — Sei o que vai me dizer, mas não sou eu quem decide se alguém é inocente ou culpado. Isso é assunto do juiz. Minha missão começa agora, vindo prendê-lo, sob essas acusações formais. Termina quando

eu o entregar ao tribunal para que seja julgado.

— Muito bem — falou Kent. — Cumpra, então, sua missão, xerife. Eu farei a minha parte diante do juiz. Embora sabendo que Mulder é grande amigo dos Benson, pretendo acusar Archie de assassinato e tentativa de assassinato...

O xerife olhou-o com certo ar de lástima. Quando o rapaz levantou-se, resmungou:

— Não sei... Talvez você tenha razão, mas receio que sua idéia não vá avante. Comparado com os Benson, você não é ninguém... e a justiça dos homens sempre se baseia na posição social dos envolvidos.

— Se assim fosse, xerife — disse Kent, — renegaria para sempre esta pretensa justiça e agiria por conta própria.

O rapaz teve oportunidade de lembrar-se de suas palavras.

Foi exatamente como dissera Craig que agiu o juiz Mulder, amigo dos Benson. A seu lado, um júri composto por pessoas da cidade, na

maioria impressionadas ou assustadas com o prestígio dos Benson. Havia também testemunhas pagas contra Kent, com Luke Lamont, o dono do cassino, à frente delas.

Os jurados o consideraram culpado de todas as acusações, e Archie Mac Coy foi dado como inocente e absolvido. Kent foi condenado a pagar uma multa de dois mil dólares e a três meses de cadeia, na cidade.

— Quando Kent levantou-se, tentando protestar e, inclusive, insultar o tribunal e os jurados, o xerife Craig viu-se forçado a fazer algo que não prejudicasse mais o acusado. Derrubou-o com um golpe de rifle. Depois, voltou-se para seus homens, enquanto se dissolvia o tribunal, os jurados e os presentes. —Levem-no para a cela — ordenou. — E impeçam que haja muito alvoroço por aqui.

Na saída do recinto onde se realizara o julgamento, numerosos cidadãos felicitavam o jovem Archie Benson, que, sorridente, respondia cordialmente a todos, com a

satisfação estampada no rosto. O velho Benson Tarleton era a própria imagem da alegria e do triunfo.

Em frente ao local, passou o coche com o caixão de Brand Martin com destino ao cemitério.

CAPÍTULO  
SEGUNDO

*O toque do sino*

— Pode sair, Kent. Já cumpriu sua pena.

— Eu sei, xerife. Setenta dias, descontados os vinte por bom comportamento. Agora sou livre, não?

— Fez bem as contas, rapaz. Portou-se muito bem, e espero que não volte. Não se meta mais em encrencas, Kent.

— Quanto a isto, nunca se sabe — disse Kent, que acabava de ser libertado por John Craig. — Obrigado por me derrubar naquele dia, xerife. Graças à pancada que me deu, minha pena foi reduzida.

— De que adiantaria você perder a cabeça? A sentença foi clara.

— É uma boa pessoa, xerife — Kent pôs-se a caminhar para a saída. — Que pensa sobre

aquele julgamento?

— Prefiro não opinar — replicou John Craig.

— Não perguntei ao xerife. Perguntei à pessoa, ao cidadão.

— Bem, eu... — o representante da lei conteve-se com dificuldade. — É melhor esquecermos o passado, rapaz. Seu amigo já foi enterrado, e você está livre. Que importa o resto? Não dá para mudar as coisas...

— Assassinaram Brand... Teriam me assassinado também, se tivessem coragem para tanto — tocou no ombro, pensativo. — Mas a *ferida* ainda dói, xerife. Não me refiro à do meu corpo, mas à da perda de Brand.

— É melhor esquecer tudo, rapaz — aconselhou o xerife.

— Brand ia casar-se e ser feliz. Daisy, sua noiva, o esperava. E sei que Archie Benson a queria para si. Foi o que provocou a tragédia...

— Pois, então, não vale a pena ficar remoendo o que passou — cortou Craig asperamente. — Sabe que Daisy vai casar hoje com Benson? E não foi forçada a casar, absolutamente. Ah, o padrinho... é Luke

Lamont.

— O que? — assombrou-se Kent. — Não posso acreditar!

— Mas deve acreditar. O casamento será daqui a uma hora.

Um relógio, em algum ponto de Saint Louis, bateu onze horas da manhã.

\* \* \*

Exatamente ao meio-dia, chegavam à capela os Benson, Daisy Kent, Luke Lamont e alguns figurões da cidade, amigos da família do noivo e do padrinho.

Enquanto isto acontecia, um homem, conduzindo seu cavalo pelas rédeas, avançava rua abaixo, para deixar a cidade. Não ia armado. Fora uma condição imposta pelo xerife Craig ao ex-recluso. Só poderia portar arma de fogo depois de deixar Saint Luis. A lei não queria mais problemas com Clemens Kent. O rapaz parou em uma esquina da rua principal e olhou para o alto. Viu o vestido branco de noiva... e estremeceu. Ia casar-se

voluntariamente com o homem que assassinara seu noivo!

Sacudiu a cabeça. Não gostava daquilo, mas não podia evitar. Se Daisy queria... Verdade que Brand lhe pedira que cuidasse dela, mas naquele caso não via como intervir. Sim, as mulheres eram volúveis...

— Ei, Kent, aonde vai?

O rapaz voltou-se. Era o velho *Gim* Keller, meio babado como sempre. Saía da taverna de Turner, com uma garrafinha de bebida na mão.

— Vou embora — respondeu lacônico Kent.

— Para onde?

— Para qualquer lugar, bem longe de Saint Luis, *Gim*.

— Compreendo... É difícil esquecer a injustiça que lhe fizeram...

— Não, não é só isso...

— Ainda por cima este casamento...

— É... Quem pode ir contra a vontade de uma mulher...?

— Céus, Kent...! Será que não sabe que

Daisy vai casar com esse bastardo porque foi obrigada?

— Obrigada? — Kent parou de repente. — Que quer dizer, *Gim*?

— Muita gente não sabe... Kent deu um desfalque no banco. Nas últimas semanas, o velho Benson andou forçando Kent a pagar tudo. O pai de Daisy, empregado do banco, fraudou as contas, para ver se saía do apuro. Benson Júnior examinou os livros e descobriu tudo.

— Continue, *Gim* — apressou-o Kent.

— Bem, parece que pai e filho estavam mancomunados desde o princípio, empurrando o pobre Kent para o desastre. Então, mandaram que ele escolhesse: ou ia acabar em um presídio ou... Daisy casava com Archie.

— Foi isso o que aconteceu? Tem certeza, *Gim*? — indagou Kent encolerizado.

— Tenho, Kent. Soube que Kent falou com a filha, e ela concordou em casar-se para livrar o pai da cadeia.

— É muito mais do que eu esperava ouvir, *Gim*... — arquejou o rapaz, pálido e tenso.

Inesperadamente, Kent arrebatou o revólver da cintura do velho, que o segurou pelo braço, protestando:

— Não faça isso, filho... Não vou permitir que arruíne sua vida. Vou chamar o xerife... Será um erro irreparável...!

Kent não deixou que ele prosseguisse. Deu-lhe um murro seco no queixo, e o velho *Gim* caiu como um fardo. Depois, sentou-o suavemente na varanda da taverna, onde ele ficou como se estivesse bastante embriagado. O rapaz olhou a garrafa em sua mão e desculpou-se:

— Sinto muito, amigo... Foi preciso. Tenho que fazer algo, e ninguém vai me impedir... Enfiou o *Colt* de Keller entre seu cinturão e as calças, caminhando com passos decididos para a capela.

Àquela altura, os noivos e as testemunhas iam entrar no recinto sagrado. Kent apressou-se e logo chegou diante deles. Luke Lamont, Archie Benson Tarleton e alguns convidados iam cruzar a entrada. Daisy, lá dentro, aguardava

o noivo. Este encontrava-se ainda do lado de fora, impecavelmente vestido e ostentando, sob a casaca, um luxuoso *Colt*.

Na porta da capela, lia-se um pedido, muito comum em Saint Louis e outras cidades do oeste naquela época:

*Visitante, para entrar na casa de Deus, armas são desnecessárias. Deixe as suas penduradas na entrada, por favor.*

O noivo dispunha-se a obedecer, desafivelando seu cinturão, ao ouvir uma voz clara e fria:

— Não faça isso, Benson. Vai precisar delas. Todos se voltaram para Clemens Kent.

— Ora, ora... Clemens Kent em pessoa — riu entre dentes Archie Benson Mac Coy. — Não sabia que o tinha convidado para o meu casamento. Mas, já que está fora da cela, pode entrar, se quiser...

— Não vim para assistir a seu casamento, mas para impedir que ele se concretize.

— Não sei por que poderá evitá-lo, Kent. Você é um delinqüente vulgar, eu sou um cavalheiro.

— Você é um porco imundo, Archie. Todos vocês: falsários, embusteiros, testemunhas subornadas, como Lamont, mulheres coagidas. como a noiva do homem que você matou. Ia perdoar-lhe, Archie. Ia esquecer que jurei esburacar sua pele asquerosa. Já ia partir, quando este casamento forçado me revolveu as entranhas. Defenda-se como homem, que venho matá-lo. Desta vez, estou armado. Se você é rápido no gatilho, eu também sou. Vamos! Defenda-se!

— Kent, ficou louco? — gritou transtornado Benson Tarleton, voltando da porta da capela, seguido por Luke Lamont. — Não tem direito de nos provocar! Se insistir, mando enforcá-lo!

— Sei que pode fazer isso. Tem poder suficiente para cometer barbaridades, Benson. Isso, porém, já não me importa. O que conta é meu amigo Brand Martin, que pede justiça pela sua morte... E Daisy Kent, que vai casar-se forçada... E eu, que paguei

por um crime que não cometi, enquanto o imbecil do seu filho saiu livre, depois de cometer um assassinato covarde e premeditado.

— Kent, ainda há tempo — advertiu-o o velho Benson.

— Vá para longe daqui, e esquecerei seus insultos.

— Já é tarde, miserável. Não irei embora, deixando com vida este seu filho nojento. Archie, vou esperar três segundos. Se não sacar, eu atiro. Está avisado.

E a mão de Kent colocou-se em posição de sacar.

Archie, percebendo que não havia saída para aquela situação, deu uns passos para trás. Procurou desesperado a ajuda das testemunhas. Todos, no entanto, afastavam-se prudentemente da linha de tiro.

Somente seu pai e Luke Lamont permaneceram apoiando-o. Mais ainda: foram os primeiros a agir. Sacando suas armas. O jovem Archie entusiasmou-se com a ajuda inesperada... e também sacou.

Eram três contra um. Teriam que vencer, O velho Benson, lutador, habituado a duelos e sem ter ainda cinqüenta anos, era duro de ser batido. Luke Lamont, um ex-pistoleiro, era habilíssimo com as armas. E Archie, com vários troféus em campeonatos de tiro, não era um adversário desprezível. Mas, às vezes, as coisas não acontecem de acordo com a lei das probabilidades.

Kent sacou com rapidez vertiginosa, e suas balas anteciparam-se às demais... Luke Lamont deu um grito de agonia, atingindo no rosto, que ficou totalmente deformado. Chegou a disparar, mas de modo mecânico, sem acertar em nada. Seus dedos se crisparam espasmódicos.

Kent dirigiu a segunda bala contra Benson Tarleton. Poderia tê-lo matado. Preferiu, no entanto, acertar-lhe o ombro. Com a clavícula fraturada, ele deixou cair seu revólver e recuou, cambaleante como um ébrio.

Ficaram sozinhos Kent e Archie. O confronto entre os dois durou apenas um décimo de segundo. De um lado, sereno e impiedoso, Clemens Kent; do outro, lívido e assustado Benson Mac Coy. Logo, as armas rugiram em um espaço de tempo ínfimo. Tempo suficiente para levar à morte o petulante ricaço... e manter vivo Clemens Kent. Porque a bala deste alcançou o adversário entre as sobrancelhas, fazendo um orifício perfeito, de onde jorrou um sangue vivo, vermelho, que aos poucos foi se tomando escuro. A bala que Archie disparou perdeu o rumo, porque quando atirou já era um cadáver, O noivo malgrado caiu lentamente, com o estupor refletido em seu rosto. Deu algumas voltas pelo chão, antes de ficar de tudo imóvel.

Kent olhou em redor e viu as feições apavoradas e pálidas dos convidados para as bodas. Viu também o olhar patético de Benson Tarleton fixo no corpo sem vida de seu filho, enquanto segurava o ombro ferido. Viu o

reverendo, orando com angustia, junto a Daisy Kent, que assistira com horror à cena, embora mostrasse uma expressão de alívio. Seu sacrifício não se consumara.

— Filho... Filho...! — gritou o velho Benson, caminhando em direção daquele corpo sem vida, com passos trôpegos. — Não... Não pode ser... Você não pode estar morto!

— Tarleton, eu também não acreditei que meu amigo Brand Martin estivesse morto — disse Kent. — E ele nem sequer teve oportunidade de defender-se...

Deu meia volta e aproximou-se de seu cavalo. Montou e afastou-se, sem esperar mais nada. Ao passar junto ao velho *Gim*, que começava a recuperar-se, atirou-lhe o revólver aos pés e acenou com o braço, despedindo-se. Perdeu-se em meio à poeira, ante o espanto e o desconcerto de Keller.

Para trás, em frente à capela, Benson Tarletori erguia o punho direito, soluçante e cheio de ódio. Quando se dissolvia a nuvem de poeira

deixada pelo cavalo de Kent, ele gritava apoplético:

— Juro perante Deus que o matarei, Kent! Nem que seja a última ação de minha vida! Acabarei com você, esteja onde estiver, maldito!

O sino da capela começou a bater... Não para um casamento, mas para a morte.

## CAPÍTULO TERCEIRO

### *Um estranho atentado*

Kent viu o cartaz pela primeira vez em Kansas City.

Leu-o curioso, depois de dar uma olhadela em torno de si e constatar que não havia ninguém por perto. A foto estampada era uma boa reprodução de seu rosto. Ele a tirara, dois anos antes, em Saint Louis.

*Dez mil dólares de recompensa pela captura; vivo ou morto, de Clemens Kent, acusado de duplo homicídio em Saint Louis. A recompensa será paga pessoalmente por Benson Tarleton à pessoa que entregar o assassino com vida ou provar que está evidentemente morto.*

O texto era assinado por John Craig, xerife de Saint Louis.

Kent esfregou o queixo. Deixara crescer um pouco a barba e usava um bigode, com as pontas levemente caídas sobre os lábios. Aquilo contribuía para disfarçar suas feições. Também os trajes, apropriados para os homens das planícies, substituíam a casaca citadina, alterando-lhe a aparência.

Ainda assim, o cartaz era um perigo. Não pela lei, pois um estado não tinha jurisdição em outro. O perigo estava na quantia oferecida. Dez mil dólares... Muito dinheiro, para qualquer caçador de recompensas, dos muitos que perambulavam pelo país, em busca de uma presa compensadora.

O rapaz sacudiu a cabeça. O velho e vingativo Benson...

— Talvez eu devesse tê-lo matado também — murmurou baixinho. — Mas ele nunca me fez nada. Até mesmo isso de agora é justo,

tratando-se de um pai. Quem pode ver os defeitos dos próprios filhos?

Voltou a seu cavalo, decidido a sair de Kansas City o quanto antes. Estava muito perto de Missouri e, portanto, de Saint Louis. Ignorava, no entanto, para onde ir. Sua vida, naquele momento, não tinha objetivo algum. Nunca pensou em levar a existência perambulando de um lado para o outro. Seus estudos, seu esforço para obter um bom emprego em Saint Louis, um futuro promissor naquela cidade... Tudo se perderia, por um único motivo: a vingança, a justiça feita pelas próprias mãos, após a morte do amigo.

Antes de partir, Kent entrou no armazém de Bill Morton. Devia comprar provisões para continuar sua viagem sem destino. Não podia saber que esta visita casual àquele armazém ia determinar seu futuro. Não podia saber que, precisamente ali, iria conhecer Jeremy Jasper. Com este conhecimento, seu novo rumo já se assinalava.

Não apenas por conhecer Jeremy Jasper, mas porque... salvou-lhe a vida.

Foi quando começou tudo.

\* \* \*

Era um homenzarrão robusto, ruivo, com o rosto coberto de sardas e uns olhos azuis quase ingênuos, que formavam contraste com o restante da fisionomia.

Sua lista de compras era interminável. Bill Morton, porém, já vira a cor de suas notas de cem dólares e sabia que não havia nada a temer. Tratava-se de um bom freguês e pagaria uma soma considerável.

— Muito bem, amigo — suspirou Jeremy Jasper, depois de separar dois sacos de açúcar e dois de sal. Creio que é só isso, e já é bastante. É mais difícil do que sustentar o exército dos Estados Unidos... Quanto lhe devo ao todo?

— Vou lhe dar um desconto especial pela quantidade de alimentos que comprou — Morton fez rapidamente a soma.

— São quatrocentos e oitenta dólares e noventa centavos. Vou arredondar para quatrocentos e oitenta dólares, senhor Jasper.

— Ótimo, amigo — aprovou Jasper, separando cinco notas de cem. — Foi o melhor preço que já paguei desde que saí de Baltimore.

— Baltimore? — Morton franziu o cenho. — Vem de tão longe?

— E vou para mais longe — riu o ruivo. — Nada mais nada menos do que para Califórnia.

— Califórnia... — suspirou o comerciante. — De um extremo a Outro do país...

— Isso mesmo. Viemos da Europa de barco. Uma péssima travessia. Nunca vomitei tanto...! Mas o importante é que agora estamos em terra firme.

— E se cansará de ver tanta terra até chegar à Califórnia

— riu Morton. — É um caminho longo... Quantos são exatamente que viajam com o senhor?

— Nada menos que vinte pessoas — informou Jasper.

— E, das vinte, doze são crianças. Meus

filhos, amigos...

— Doze filhos! — espantou-se o comerciante. — Que fertilidade!

— Pois minha mulher ainda tem forças para ter outros doze, no mínimo — o ruivo soltou uma risada.

— Os outros são companheiros de viagem... e um cozinheiro chinês. Kwan-Li conhece seu trabalho, sem dúvida. Às vezes, não sei como ele consegue variar as refeições. Parece milagre.

— Desejo-lhe sorte na viagem para a Califórnia — disse com simpatia Morton. — Por acaso, vai em busca de... ouro?

— Ouro? — o homenzarrão soltou uma gargalhada.

— Oh, não! Não preciso disto. Meu irmão o encontrou por si mesmo e quer braços que o ajudem em sua mina, perto de São Francisco, e em seus negócios na cidade.

— Ora, seu irmão teve sorte, pelo que vejo. Deve ter encontrado muito ouro...

— Muito — assentiu o ruivo. — Um dos filões mais ricos de Sacramento. Ouro aos montes. Atualmente, as minas já não

produzem muito, mas ele continua a encontrar mercúrio, cobre e coisas assim... Além disso, montou um negócio em São Francisco. Compra e vende ouro, financia empresas e dirige um cassino com jogo, bebida e garotas alegres. Algo estupendo, amigo. E muito rentável em um lugar como a *Costa Bárbara*.

— Imagino que seja — suspirou Morton. — Bem, espero que cheguem sem novidades à Califórnia e que, graças a seu irmão, possam também prosperar lá em São Francisco. A porta se abriu naquele momento. O recém-chegado pôde ouvir as últimas palavras de Morton. Olhou de esguelha, cheio de curiosidade, para o homem robusto, de cabelos vermelhos e com o rosto repleto de sardas. Encostou-se no balcão e pediu a Morton:

— Quero um pequeno saco de farinha, outro de açúcar, outro de sal, um de café, carne-seca, uísque, toucinho e duas caixas de munição para rifle e meu revólver. Quanto custa tudo?

— Uns cinqüenta dólares — disse o comerciante. — Não posso fazer por menos, amigo.

— Cinqüenta... — o recém-chegado fez urna cara de dúvida e remexeu em seu bolso. Contou quarenta e dois dólares e colocou trinta e cinco em cima do balcão. — Bem, diminua a quantidade de açúcar e de farinha e dê-me apenas uma caixa de munição. O dinheiro chega?

— Tentarei fazer com que chegue — prometeu Morton.

— Vai para muito longe?

— Não sei — sorriu o rapaz. — Pretendo ir para algum lugar onde possa aumentar minha atual fortuna de sete dólares.

— Qual é sua especialidade? Vaqueiro, minerador, agricultor, domador de cavalos...? — quis saber Morton. — Tenho muitos conhecidos em Kansas City e poderia...

— Não se canse, amigo. Obrigado, mas eu não encontraria trabalho aqui. Não sei fazer nada disso. Sempre vivi em cidades maiores. É por puro acaso que manejo bem as armas. E a única coisa que faço com eficiência,

porém nunca pensei em tornar-me pistoleiro. De modo que irei para um lugar onde eu possa dar aulas, trabalhar em um escritório ou algo parecido.

— Os tempos não estão bons para estas atividades — Morton sacudiu com pessimismo a cabeça. — Enfim, espero que consiga um emprego, sendo jovem e ambicioso. O oeste precisa de gente assim, rapaz. Vou separar sua encomenda para que leve consigo.

Jeremy Jasper havia ficado pensativo, atento ao que dizia o novo freguês do armazém. De repente, falou com sua habitual franqueza:

— Perdoe-me, amigo, mas se importaria em ir para Califórnia?

— Califórnia? — estranhou o jovem alto, de cabelos e olhos castanhos e barba de uns vinte dias. Era esbelto, tinha ombros largos, pernas compridas e rosto enérgico. — Se lá houver trabalho para mim, por que não?

— A Califórnia fica muito longe. É preciso atravessar quase todo o país, e há pessoas que têm medo disso.

— Eu não tenho. Talvez apareça por lá

algum dia. Por que pergunta?

— Porque eu poderia... — começou a falar, caminhando para o rapaz.

— Cuidado! — gritou de repente o desconhecido.

E, com uma incrível força física, que não aparentava, deu um forte empurrão no ruivo, derrubando-o espalhafatosamente sobre os sacos de farinha, sal e café, ao mesmo tempo em que se desmoronavam latas de feijão, caixa de garrafas e tudo o que havia no armazém de Morton.

Assombrado, Jeremy Jasper rolou pelo chão, dizendo para si mesmo que, ao levantar, encheria de murros a cara daquele imbecil. Enquanto isso, porém, um estrépito de vidraças quebradas invadia o local, alvejando exatamente o ponto em que se encontrava momentos antes o homenzarrão. As balas penetraram no armazém destruindo vários objetos e, certamente, destinavam-se às costas de Jeremy Jasper. Àquela altura, do chão, o jovem desconhecido revidava com seu

revólver, o ataque traiçoeiro. Suas balas chegavam à rua através dos buracos que os inimigos haviam feito nas vidraças. Um dos cavaleiros, que corria entre dois outros, agitou-se na sela, abriu os braços, dando um grito rouco e acabando caído na poeira da rua.

Os demais fugiram a galope, com um cavalo sem ginete, perdendo-se ao virarem em uma esquina próxima. O salvador de Jasper correu, agachado, até a esquina. Era inútil, todavia, disparar contra os fugitivos. Estes já se perdiam entre currais e estábulos e não poderiam ser alvejados.

O jovem desconhecido regressou vagorosamente e foi em direção do homem que fora baleado. Arriou o lenço que lhe escondia o rosto. Morton e Jasper já se haviam aproximado.

O desconhecido soltou uma praga, apontando para o morto.

— Olhem — disse a Morton e a Jasper. —

Esse homem é um dos que tentaram matá-lo, senhor... E é um chinês.

\* \* \*

— Um chinês... É ridículo!

— Mas foi o que aconteceu, senhor Jasper. Tem alguma coisa contra os chineses... ou eles contra o senhor?

— Jamais vi um chinês em minha vida, lá na Europa! E aqui só conheço um: Kwan-Li, nosso cozinheiro... Acha mesmo que tentaram matar a mim?

— Isso nem se pergunta — riu Morton, sacudindo a cabeça. — O senhor estava sozinho diante da janela. com a silhueta bem delineada. E é um tipo inconfundível. Esses cavaleiros, segundo os que os viram, estavam cavalgando lentamente, à espera de que o senhor saísse do armazém.

Como se colocou em uma posição favorável, eles moveram-se com rapidez e começaram a atirar.

— Sem dúvida — afirmou Clemens Kent. — Queriam matá-lo. Eu os vi pela janela, apontando para o senhor. Por isso o derrubei.

— E salvou minha vida, rapaz — Jasper deu-lhe uma palmada no ombro, que quase o derrubou. — Kent, eu lhe oferecia um posto em minha caravana. Agora, há mais motivos ainda para insistir na oferta. Por favor, acompanhe-nos até a Califórnia ou até onde puder. Além das refeições, posso dar-lhe um salário de cinco dólares por dia.

— Mas que espécie de serviço quer que lhe preste? — surpreendeu-se Kent.

— Bem, ia pedir-lhe que protegesse nossa caravana. Não temos bons atiradores, e você provou que sabe usar uma arma.

— Se precisam mesmo de quem saiba manejar um rifle ou um revólver em caso de perigo... conte comigo — disse Kent. — E melhor isso do que nada. Mas não gostaria de que esta oferta fosse apenas por gratidão e...

— Não diga tolices, rapaz — resmungou Jasper. — Quando ofereço emprego a alguém, é porque vou com a cara do sujeito. Além disso, como viu, vou precisar de um homem como você. Pode me ser tão útil como o foi hoje, não duvide. Especialmente, se tentarem converter-me de novo em uma peneira,

embora eu não possa imaginar quem teve essa idéia maldita.

— Não conhece mesmo ninguém que tenha relação com orientais? — insistiu Kent. — No oeste, há muitos chineses. Os que eu conheço dedicam-se a lavanderias ou cozinham para restaurantes, caravanas e coisas assim. Não sei de nenhum oriental que seja pistoleiro. Muito menos nesta parte do país...

— Garanto-lhe que estou tão desorientado quanto você, Kent — suspirou Jasper, franzindo a testa. — Chineses...! Acho que, a partir de agora, vou até recear que o bom do Kwan-Li me envenene com sua comida...

— Quantos são em sua caravana, Jasper?

— Vinte. Desses, doze filhos meus, minha mulher, Kwan-Li e eu. Os outros cinco...

— São amigos seus?

— Não, apenas companheiros de viagem. Emigrantes também. Três vieram no mesmo barco que eu. Os outros dois uniram-se a nós em Baltimore, onde estavam desde a chegada de um navio anterior. São do norte da Europa. Gente de toda confiança. Vai conhecê-los... Todos estão à procura de ouro,

de terras... O de sempre, Kent. Deve saber melhor do que eu.

— Sim, eu sei — suspirou Kent. — Embora essa busca de ouro não passe de uma quimera...

— Para mim, não. Meu irmão encontrou ouro em Sacramento. Muito ouro. Agora, é rico. Tem vários negócios e pessoas que trabalham para ele. Foi ele quem me pediu que viéssemos. Há trabalho para todos, e podemos ganhar um bom dinheiro. Nas minas, se não há mais ouro, há coisas semelhantes. Vamos tentar. Manter doze filhos, embora dois deles já sejam capazes de se defenderem sozinhos, é um problema quando não se tem dinheiro, amigo... Se eu faço essa viagem, é graças às minhas economias... e ao dinheiro que meu irmão me mandou daqui. Nada menos do que cinco mil dólares!

— De fato, seu irmão ganhou muito dinheiro com o ouro da Califórnia — sorriu Kent. — Eu não desejo tanto. Gosto de ter os pés no chão. No momento, todas as minhas aspirações se resumem em viajar sem

despesas... e com cinco dólares diários de salários, até São Francisco da Califórnia.

— Isso já está resolvido, amigo — estendeu a mão rude e forte, apertando a de Kent. — Deus queira que não precisa usar sua arma para salvar minha pele, como fez hoje no armazém.

— Sim, Deus queira... — respondeu Kent. O rapaz, porém, não pôde evitar que passasse por sua mente a figura de um asiático, com seus olhos puxados, encoberto por um lenço e pela aba de um chapéu. Estava certo de que não seria a última vez que aquilo aconteceria.

## CAPÍTULO QUARTO

### *O intérprete cozinheiro*

Jeremy Jasper e sua esposa Noemi. Seus doze filhos, com o jovem Jeremy e a espigada Lilah como primogênitos da prole. Kwan-Li, o cozinheiro chinês. E mais cinco colonos, com todas as suas esperanças depositadas nas terras da Califórnia.

Esta era a caravana. Com seis carroças e quinze mulas. Duas carroças eram para os Jasper. Duas mais para a família Brampton, formada por três irmãos:

Nádia, Bob e Stuart. Outra, para dois amigos do norte da Europa: A última carroça era para o chinês, com cozinha e alimentos.

— Que pensa dos componentes da caravana, Kent? — perguntou de repente Jasper.

Kent virou-se. Cavalgava junto à primeira carroça do grupo. A senhora Jasper, loura e clara, sorria-lhe. As crianças também, agrupadas na boléia.

— Não sei... — confessou Kent. — Podem ser boas pessoas, mas nunca se sabe... Os Brampton vieram da Europa com vocês?

— Vieram, todos trás. Procuram fazer fortuna na América.

— E os dois nórdicos?

— Anders e Erikson são suecos. Vieram com outro companheiro, que morreu na travessia. Ficaram em Baltimore até se unirem a nós.

— Então, não há, entre eles, nenhum inimigo seu, certo?

— Por que haveria? — riu Jasper bem-humorado.

— Por que um inimigo oriental? Nem sequer sabemos se os outros que estavam com ele eram também chineses...

— Que absurdo, Kent! Chineses contra

mim? — riu o ruivo. — Isso não faz sentido. É possível que se tenham enganado de homem.

— Sua aparência não é fácil de ser confundida com ninguém. Sua estatura, seus cabelos, sua corpulência... Não creio que se confundissem.

— De modo que, na sua opinião, foram a Kansas City para matar — disse Jasper assombrado. — Por que pensa assim, Kent?

— Não sei quase nada a seu respeito...

— Concordo, porém tudo na vida tem uma razão de ser, um motivo qualquer. Eu, Jeremy Jasper, ter um chinês como inimigo mortal...! É ridículo!

— Se estivesse agora enterrado no cemitério de Kansas City, Jasper, não seria nada ridículo. Seria lamentável, isto sim.

— Desculpe-me, rapaz. Não consigo levar a sério esta questão. É verdade supor que também não me conhecessem, não acha? — o homenzarrão sacudiu sua cabeça ruiva. — O certo é que não entendo nada...

Kent seguia pensativo sobre sua montaria, com os olhos perdidos no horizonte. Súbito, fez um comentário inesperado:

— Na Califórnia *há* chineses.

Jeremy Jasper voltou-se surpreso para ele.

— Como assim? — perguntou.

— São Francisco é um porto cosmopolita, que recebe numerosos navios do Extremo Oriente. Há muitos marinheiros de raça amarela. Na maioria, são cozinheiros, lavadores de roupas... Podem também ser malfeitores... Dizem que trazem drogas e cargas proibidas da Ásia.

— Drogas? Cargas proibidas? Navios chineses? — Jasper sacudiu a cabeça. — Que significa tudo isso, Kent?

— Não sei. É uma possibilidade. Disse-me que foi chamado por seu irmão, de São Francisco, não?

— Sim, sim... Mas o que tem meu irmão Noah a ver com tudo isso?

— Contou-me que Noah Jasper tem negócios em São Francisco, para onde vocês vão. Há dinheiro no meio dessa história. Por que este não pode ser o motivo do que houve em Kansas City?

— É ridículo — reafirmou Jasper. — Só eu

e meu irmão sabemos que vou reunir-me a ele. Além do mais, por que haveriam de tentar matar-me?

— Aí está a incógnita — refletiu em voz alta Kent. — Por que?

Prosseguiram a viagem em silencio. Gustavo Erikson uniu-se a eles.

— Creio que temos problemas à vista — disse o sueco.

— O que? — indagou Kent agitado.

— Lá adiante — mostrou o sueco. — Olhe à sua direita, Kent. Junto ao promontório com forma de obelisco.

Kent olhou disfarçadamente. Viu as montarias, as roupas coloridas, as penas...

— Índios! — resmungou entre dentes. Em trajes de guerra... Isto significa problemas... E graves.

\* \* \*

Houve problemas, embora não muito graves. Os peles- vermelhas — provavelmente de alguma tribo *cheyenne* em pé-de-guerra — atacaram a caravana ao amanhecer. Tinham

armas modernas: rifles *Winchester* e revólveres. Alguns atacaram com lanças e flechas, mas não eram muitos. Deveriam ser uns, trinta. Diante de apenas seis homens armados, porém, passavam a representar perigo.

Quando atacam a caravana, Kent e seu companheiros já haviam formado um círculo com as carroças, defendendo-se à moda militar.

— Não desperdicem munições! — advertia Kent, quando se agacharam atrás das rodas dos veículos para revidarem os tiros. — Só atirem se o alvo for perfeito!

Os ululantes ginetes índios foram descrevendo círculos cada vez mais cerrados em torno das carroças. Disparavam com fúria sobre toldos e estruturas de madeira, em busca de alvos humanos.

Anders, o sueco, caiu ferido em um braço. O mesmo ocorreu com Stuart Brampton. Nádia e seu outro limão uniram-se aos que

disparavam. Até Noemi, esposa de Jasper, empunhou uma arma. Isto elevou o número de defensores da caravana.

Para sorte dos homens brancos, os peles-vermelhas logo se retiraram, recolhendo audaciosamente seus companheiros mortos ou feridos no campo de batalha. Kent ergueu-se com seu rifle fumegando e ficou observando a fuga dos inimigos.

— São, pelo menos, uma dúzia — disse. — Tiveram muitas baixas. Como esta anoitecendo, eles não combaterão mais. É um costume dos índios.

Os *cheyennes* perderam-se na distancia, e voltou a calma. Não havia nem um só corpo sem vida fora ou dentro do círculo de cairoças. Os índios apenas deixaram cavalos sem selas, mortos no tiroteio.

De repente, Kent ergueu-se. Viu algo multicolorido ao longe.

— Que foi? — perguntou Jasper.

— Não sei... — murmurou o jovem. —

Dêem-me cobertura. Creio que há alguém com vida ali adiante.

— Cuidado, Kent — aconselhou Gustavo Erikson.

— Pode ser perigoso...

— Eu sei. Por isso pedi para me darem cobertura. E deslizou para fora do círculo de carroças. Os membros da caravana não precisaram das armas, pois nenhum inimigo deu sinal de vida.

\* \* \*

Kent regressou logo... e não voltou sozinho. Carregava um corpo nos braços: um índio ferido, coberto de sangue.

Entrou no acampamento, onde já haviam acendido as fogueiras. O risonho Kwan-Li certamente preparava o jantar, pois no ar sentia-se o cheiro de um delicioso ensopado.

— Trouxe um inimigo ferido? —  
surpreendeu-se Jasper.

— Tentaremos ajudá-lo, mas não creio que seja fácil — disse Kent. — Está com duas balas nos pulmões e uma no ventre.

— Céus, ele agoniza...! — protestou  
Gustavo Erikson.

— Que espera conseguir com um caso assim,  
Kent?

— Pelo menos, prolongar sua vida, para ver  
se ele nos esclarece alguma coisa.

— De um pele-vermelha? — duvidou  
Jasper. — Segundo sei, eles jamais falam  
quando estão para morrer. Não traem seus  
companheiros.

Kent encarou Jasper e comentou:

— Então, esperemos que um chinês fale.

— Um... o que? — gritou Jasper.

— Um chinês — repetiu friamente Kent,  
passando um pano com no rosto ferido.

Por trás da pintura que o homem usava,  
apareceu o rosto amarelo e os olhos oblíquos  
de um oriental.

— Não consigo entender... — Jasper  
esfregou perplexo a cabeça. — Que está  
acontecendo, Kent?

— Não sei, mas parece-me evidente que o  
atentado em Kansas City não foi casual. É  
você que eles querem. Para matá-lo, forjaram

um ataque de índios. Não hesitaram em perder quinze ou vinte homens em uma emboscada frustrada. Jasper, seja mais sensato, por favor. Sua vida incomoda a alguém. A quem?

— Se eu soubesse... Meu Deus, eu não conheço ninguém neste país...! Quem me desejaria mal, Kent?

— No entanto, está provado que...

Kent parou no meio da frase. Correu para junto do ferido e inclinou-se sobre ele, que o fitou com aqueles olhos puxados, o suor correndo-lhe pelo rosto e a pele com a coloração cinzenta da morte. Sua boca se entreabria mostrando uma espuma sanguinolenta. Tudo isto tomava ainda mais ridícula a pintura de um *cheyenne* em guerra, as roupas indígenas, coloridas e berrantes.

O homem falou algo com voz rouca. Kent não entendeu nada. Era uma língua oriental, provavelmente o chinês. Fez um gesto para Jasper.

— Rápido, chame Kwan-Li! — pediu. — É

urgente!

O chinês tossiu, e seus lábios tingiram-se de um vermelho pálido e espumante. Agitou-se e tentou pegar algo no ar. Segurou a mão que Kent lhe estendeu piedosamente. Falou rápido, precipitado, dilatando os olhos o mais que pôde.

Quando Kwan-Li chegou o oriental agonizava, Seus lábios mal se moviam.

— Kwan-Li, é preciso que você tente arrancar-lhe algo. Está morrendo e quer que nós entendamos alguma coisa. Infelizmente, sua língua é difícil para nós — falou Kent ansioso. — Tente descobrir o que etc quer dizer-nos.

O miúdo e risonho cozinheiro assentiu afavelmente. Inclinou-se sobre seu irmão de raça. Falou-lhe com delicadeza e calma.

O agonizante agitou-se. Seus olhos se dilataram ainda mais. Disse algo com muita dificuldade. O cozinheiro pareceu surpreso. Interpelou-o em tom premente. O outro

tentou falar de novo, mas vomitou sangue e morreu. Caiu pesadamente no catre, dentro da carroça iluminada por um lampião de querosene.

— E então? — perguntou Jasper inquieto.  
— Que disse ele?

— Não foi fácil entendê-lo — disse o cozinheiro em tom pausado. — Falou sobre coisas estranhas, sem sentido...

— Que coisas? — apressou-o Kent.

— Bem, ele... ele garantiu que jamais cruzaria a *Porta da Grande Felicidade*, que *Aquele que tudo vê* irá condená-lo por sua maldade... Depois, acrescentou que os *Dragões* chegaram ao oeste, voando de onde o sol se põe, e que o *Dragão* que serve a *Aquele que Tudo vê* viria pegar o seu corpo maldito para dá-lo como alimento aos deuses do *Mal*...

— Supertições — murmurou Jasper. — Fanatismo religioso sem sentido... Nada de estranho afinal...

— Para um chinês, como eu, faz sentido — replicou o cozinheiro. — Nunca ouvi falar

sobre *Aquele que tudo vê*, nem sobre os *Dragões* que vêm de onde o sol se põe, senhor Jasper. Também nunca ouvi nada sobre as palavras, que me pareceram aterrorizantes...

— Que foi, Kwan-Li? — perguntou Kent. — Que disse ele por último?

O cozinheiro oriental respirou fundo. Depois, falou assustado:

— Os *Dragões* do oeste já devoraram um homem maldito, chamado Jasper..., e vão devorar outro com o mesmo sobrenome, antes dele chegar ao Jasper que já morreu...

Kent dirigiu um olhar indagador para Jeremy Jasper.

Este empalideceu intensamente e gritou desesperado:

— Noah, meu irmão...! Algo aconteceu com ele...!

---

## CAPÍTULO QUINTO

### *O Dragão de Seda*

— Noah Jasper?

— Isso mesmo! Noah Jasper é um homem rico. Encontrou ouro e tem negócios nesta cidade...

— Tanta gente em São Francisco tem negócios... — o interpelado encolheu os ombros. — Pergunte na rua principal, na *Costa Bárbara*...

E o californiano baixou de novo sobre o rosto o chapéu de aspecto mexicano, parecendo retomar à sesta, coberto por um poncho branco, na entrada de São Francisco da Califórnia.

Com o maior prazer, Jeremy Jasper o teria esmurrado. Kent, no entanto, segurou-lhe o braço a tempo. Sorriu, movendo a cabeça em uma negação. Em seguida, disse:

— Não, Jasper. Não se ganha nada assim. O povo daqui é preguiçoso mesmo. Não os irrite.

— Têm que conhecer Noah... É um homem rico, poderoso...

— Talvez ele tenha razão. Não estamos em Kansas City, Dodge, Abilene ou Cheyenne. São Francisco cresceu depressa. É sempre assim onde há ouro. Esta cidade é grande e tem muitos habitantes. Vamos à *Costa Bárbara*. Lá deverão conhecer seu irmão...

E assim foi. Ali, falaram-lhe de Noah Jasper. Em uma cantina. O proprietário ouviu-os sem pestanejar o logo informou:

— Sei a quem se refere, senhor. Só que chegou um pouco tarde...

— Tarde? — estremeceu Jasper.

— Sim, ele foi enterrado há quase um mês.

\* \* \*

— Enterrado...

— Este é o seu túmulo. Os cravos do caixão eram de ouro puro. Ele pediu que fossem, em seu testamento.

Jeremy Jasper sentia vontade de chorar. Entretanto, quando se virou para Clark Boyman, delegado de São Francisco da Califórnia, seus olhos estavam apenas úmidos.

— Como... como morreu? — perguntou com voz rouca.

— Acidente — respondeu o delegado.

— Acidente? — interveio Kent. — Que tipo de acidente?

O delegado voltou-se para ele e olhou-o com desconfiança.

— Está muito interessado? Se não é parente do morto...

— Não — concordou Jasper. — Mas é meu amigo e tem direito de saber.

— Neste caso... — contrariado, o delegado encolheu os ombros. — Foi um acidente comum. Costumava galopar pelos arredores da cidade, sempre muito veloz. Caiu de cabeça do cavalo e fraturou o crânio. Não se pôde fazer nada. O pescoço estava partido.

— Uma queda muito violenta, não acha? Havia muitas rochas no lugar onde ocorreu o acidente?

— Rochas e areia. Ia para o sul da cidade. Foi difícil encontrá-lo. Houve muita demora, porque aquela zona é pouco freqüentada. Os tripulantes de um barco pesqueiro viram o cavalo na areia, e o próprio animal conduziu-os até Jasper. *Ciclone* gostava muito de seu dono.

— *Ciclone?* — irritou-se Jasper.

— O cavalo branco de seu irmão — suspirou o delegado. — Agora, pertence à viúva.

— A quem? — perguntou com voz aguda Jeremy Jasper.

— À sua esposa. A senhora Jasper, naturalmente.

— Mas... mas meu irmão era solteiro! — protestou Jasper.

— Sinto muito, mas há uma senhora Jasper, esposa legal de seu irmão... e herdou tudo que ele possuía.

— Mas isso... isso é impossível! Ele me teria contado... Recebi sua carta. Ele me mandou dinheiro para que eu viesse... — tornou a protestar Jeremy Jasper, muito pálido.

— Calma, Jasper — interrompeu-o Kent,

perguntando em seguida ao delegado: — Quando ele se casou exatamente?

— Faz pouco tempo... Muito pouco — disse o representante da lei, sem dissimular sua contrariedade.

— Quanto tempo?

— Bem... Creio que um mês e meio.

— Quinze dias antes de morrer — enfatizou Kent.

— Talvez menos... Uns dez ou doze...

— Ora, é curioso... Muito curioso, Jasper.

Kent ficou olhando a lápide na sepultura de Noah. Tinha seu nome e data de falecimento. Nenhum epitáfio.

— O que é curioso, senhores? — perguntou uma voz às costas dos três homens, no cemitério novo de São Francisco.

Kent e Jasper voltaram-se surpresos. Depararam com uma mulher de tipo oriental, muito bela, jovem e elegante. Uma mulher de traços asiáticos, mas nem por isso menos fascinante e estranha.

— Quem é a senhora? — perguntou Jasper mal-humorado.

E o delegado Clark Boyman respondeu- o que Kent já esperava:

— Esta é a senhora Thai Jasper, esposa de seu irmão Noah.

\* \* \*

Pararam diante da fachada do prédio, suntuosa como uma mansão oriental. Cortina de seda, com desenhos bordados. Dragões, símbolos e caracteres chineses, portas laqueadas e uma mistura de cores berrantes. Tudo isso para uma simples fachada de uma casa de diversões. Um nome simbólico: o *Dragão de Seda*.

— Dragões... — resmungou entre dentes Clemens Kent.

— O que disse, senhor? — perguntou ela suavemente, descendo da carruagem.

— Nada, nada... — replicou Kent, ajudando-a a subir na varanda do prédio, na rua mais importante de São Francisco, junto ao porto, onde numerosos barcos de tamanhos variados, desde os grandes veleiros até as modestas canoas de pescadores,

cruzavam as águas ou estavam ancorados. O silencioso e miúdo oriental que conduzia a charrete de Thai Jasper entrou em uma rua lateral ao prédio. A mulher apontou, com um gesto simples, para a suntuosa fachada.

— Foi tudo idéia de Noah, não minha Adorava coisas do Oriente. Aqui, em São Francisco, aprende-se a amar o Império Celeste.

Jeremy Jasper esfregou o queixo com força.

— Nunca soube que meu irmão se interessasse por coisas da China — objetou.

— Há muitos anos não via seu irmão — disse ela, fitando-o com sus olhos amendoados, escuros e vivazes. Um sorriso doce esboçou-se em seu rosto de porcelana, emoldurado por cabelos negros. — Em alguns anos um homem muda de gostos... Principalmente, vivendo aqui, em São Francisco, que parece um pedaço do Oriente. Aqui, a América se funde com a Ásia. Quase se pode sentir isso no ar que se respira...

Empurrou graciosamente as portas de vaivém, laqueadas. Poderiam ser de qualquer cassino do oeste. Suas cores e a decoração em tomo, todavia, davam-lhe um aspecto diferente.

No interior, Kent constatou que nada diferia de um *saloon* vulgar, a oeste do Mississippi. Colunas, muito dourado, palco, mesas, um comprido balcão, espelhos, bebidas... Mas havia, sim, uma diferença: numerosas tapeçarias de seda, com bordados chineses. E um dragão vermelho e dourado. Uma bela figura colocada sobre o balcão, mostrando seu rosto assustador de mito oriental.

— Era este o negócio de meu irmão? — surpreendeu-se Jasper.

— É apenas metade dele — sorriu ela, apontando para uma porta fechada. — A outra metade é a fachada oposta, a que dá para o cais. Ali, ficam os escritórios de compra e venda de ouro, condimentos e coisas assim. Todo o prédio era de Noah.

— E agora é seu — sorriu Kent.

— Exato — rápida, ela lhe dirigiu um olhar

inquisidor.

— Agora, é meu. A lei da Califórnia não é diferente da de outros estados e territórios da União. Se o esposo morre, não havendo testamento, tudo fica para a viúva.

— E não há testamento — resmungou Jeremy Jasper.

— Que eu saiba. não — negou ela docemente. — Mas isso poderá ser melhor esclarecido pelo advogado e administrador do pobre Noah, o senhor Mac Grovem.

— No cemitério, o delegado nos disse que seu casamento foi poucos dias antes da morte de Noah — interveio Kent com ar pensativo.

— Exato — suspirou ela. — Mas já éramos noivos havia mais de um ano... Finalmente, Noah decidiu-se a casar comigo.

— Entendo. Fica evidente que era um homem de bom gosto — opinou Kent. — Escolheu uma esposa jovem e bela.

— E de outra raça — acrescentou Jasper com um resmungo.

— Ora... ela fitou-o com olhos brilhantes. — É racista, senhor Jasper?

— Claro que não, mas a senhora... a senhora...

— Eu sou chinesa — sorriu ela irônica. — Isto não lhe agrada.

— Não, não se trata disso... É que não imagino Noah...

— Já lhe disse que aqui as pessoas mudam muito — suspirou ela, aproximando-se de Jeremy Jasper. Parando diante dele, falou com suavidade: — Não pense que sou um monstro que se apoderou de Noah para devorá-lo. Tive a infelicidade de ficar viúva, mas não me esqueço de que o senhor é irmão dele, e de que Noab o fez vir para o oeste do país.

— Que quer dizer com isso? — intrigou-se Jasper.

— Que não pretendo ficar com tudo, mesmo sendo legal. Tem direito à sua parte. Fale com *Mac Groven*, por favor. Ele tem instruções minhas.

Jeremy Jasper ficou calado, confuso, sem saber se exigia tudo ou se agradecia a generosidade da mulher. Kent aproveitou para mudar de assunto.

— Uns pistoleiros chineses atacaram seu cunhado durante a viagem para a Califórnia

— disse bruscamente. — Sabe algo sobre isso?

— Pistoleiros chineses? — ela fitou-os com assombro, murmurando em seguida: — Meu Deus...

— Por que tanto espanto? — perguntou Kent.

— Não existem pistoleiros chineses...

— Eu sei, mas parece que aqui é diferente — suspirou Kent. — Eu os vi. Disfarçaram-se, inclusive, de peles-vermelhas para atacarnos. E devem ser numerosos, pois se permitiram o luxo de perder uns vinte.

— Meu povo é realmente numeroso, senhor Kent — sorriu ela sarcástica.

— Disso eu sei. Ignorava. no entanto, que aqui, na América, se dedicassem a assassinatos. Todos os chineses que conheci eram gente pacífica. Que aconteceu com eles,

de repente para ficarem ferozes e perseguirem um homem que jamais viram?

— Como posso saber?

— Se alguém pode saber, este alguém é a senhora.

— Por que motivo? — retrucou ela com evidente hostilidade.

— Porque é uma mulher chinesa. Casou-se com Noah Jasper, e este morreu. Vive em uma cidade repleta de orientais, com o maior-contingente de chineses da União, e seu cassino, o que foi de Noah, chama-se *Dragão de Seda*.

— Que tem tudo isso a ver comigo e com esses assassinos, senhor Kent? — irritou-se ela, erguendo-se muito altiva.

Kent avançou decidido em sua direção. Olhou-a diretamente nos olhos. Suas palavras soaram como chicotadas:

— Senhora, eu me pergunto se também não atravessam a *Grande Porta da Felicidade*, porque *Aquele que Tudo vê* fará com que os *Dragões do oeste* a devorem, como devoraram antes Noah Jasper.

Ela o fitou, atônita. Seu rosto de porcelana tomou-se lívido, e seus olhos se dilataram cheios de horror. Entreabriu os lábios. Kent esperou que ela falasse. Mas o que ela fez foi desmaiar subitamente.

## CAPITULO SEXTO

### *Um sócio e um atentado*

— Por que mencionou essa história, Kent?

— Foi uma experiência, Jasper — explicou o jovem.

— E deu certo.

— Quer dizer que ela teve algo com relação à morte de Noah?

— Não chego a tanto — sorriu Kent. — Mas ela se impressionou bastante ao ouvir *falar* no que aquele chinês contou. Portanto, há uma relação entre os fatos. Como imaginei, a chave do segredo pode estar aqui.

— Mas... eu não entendo nada, Kent! — queixou-se Jasper.

— Nem eu. Talvez, ao recuperar-se, ela possa tirar nossas dúvidas.

Kent contemplou a jovem oriental, deitada no balcão do bar deserto. Em seguida, ele mesmo serviu-se de uma dose de uísque. Jasper recusou-se a beber.

A jovem viúva não tardou a voltar a si. Pouco a pouco, com a ajuda de Kent, levantou-se. Olhou para os dois homens, com olhos assustados.

— Que aconteceu... comigo? — perguntou com voz fraca.

— Desmaiou — esclareceu-lhe Kent. — Quando lhe falei sobre os *Dragões do Oeste*.

— Oh, meu Deus...! — Até seus lábios tremeram. — Sim, agora me lembro... Os *Dragões e Aquele que Tudo vê*.

— Exatamente, senhora — assentiu Kent. — Ignoro o que tudo isso pode significar. Pelo que vi, porém, causou- lhe um susto.

— Como chegou a saber destas coisas? — murmurou ela.

— Um dos chineses assassinos contou-me, senhora. Estava certo de que encontraria a chave de tudo em São Francisco. Não é possível...

— Tenho certeza do que digo, senhora Jasper. Se sabe de algo, é melhor que fale. Pode ajudar-nos a esclarecer o assunto. Assim como Noah foi morto, também pode

ocorrer o mesmo com Jeremy Jasper. Tem que haver uma explicação para isto.

— Se há, eu ignoro... — Thai fitou-os patética. — Imagino quê julgam que a morte de Noah só podia interessar a mim. Estão pensando na herança, em sua fortuna...

— Não se falou sobre isso — ponderou Jasper em tom amargo. — Só esperamos que, como deseja meu amigo Kent, nos conte o que sabe sobre os *Dragões* e tudo mais.

— Ê... é perigoso — murmurou ela assustada, recuando uns passos.

— Perigoso, o quê?

— Falar... de coisas proibidas. Ninguém pode revelar o que sabe sobre os *Dragões* ou sobre *Aquele que Tudo vê*. Isto significa a morte.

Houve um silêncio no *saloon* deserto. Kent estudou as tapeçarias de seda com dragões desenhados. Parecia buscar neles a chave daquele enigma, próprio de terras muito distantes do oeste americano.

Virou-se ela, fitando-a com agressividade.

— Escute bem, senhora Jasper — disse friamente. — Quero saber, de uma vez por todas, quem são os *Dragões do Oeste* e *Aquele que Tudo vê*. E também o que significa a *Porta da Grande Felicidade*. Quero saber tudo, o mais rápido possível! Acredite que não me assusto com perigo nem me preocupo com a morte.

— Faz mal, senhor. Morrer não é agradável. Não, quando é ordenada por *Aquele que Tudo vê*.

Kent voltou-se rapidamente para o ponto de onde partira a voz, a porta de comunicação entre o *saloon Dragão de Seda* e o restante dos negócios de Noah Jasper, que davam frente para o mar.

Ali, um homem vestido de escuro, com uma camisa de seda preta, permanecia tranqüilo, com os braços cruzados, observando Kent com olhos enigmáticos, puxados, em um rosto de Buda sarcástico.

— Quem é o senhor? — perguntou Kent asperamente.

— Tsun-Hu, sócio de Noah Jasper. senhor... — informou o desconhecido em tom humilde.

\* \* \*

— Sócio de Noab? — surpreendeu-se Jeremy Jasper. — Ele nunca me disse que tinha um sócio...

— Talvez não considerasse o fato importante — comentou o oriental, avançando para eles com passos lentos. — Eu dirijo os negócios de compra e venda de condimentos, minerais valiosos, seda e jóias. O *Dragão de Seda* tem duas atividades. À noite, há bebidas, jogos, músicas, garotas. Durante o dia, porém transforma-se em um comércio diferente. São Francisco é um lugar onde se pode fazer mais dinheiro do que procurando ouro nas montanhas de Sacramento. Basta ter jeito para negociar.

— Meu irmão ganhou o bastante com ouro. Não precisava de nenhuma outra atividade!

— Engana-se, senhor Jasper. Seu irmão não tinha um centavo de sua fortuna em ouro.

— É mentira! — gritou Jeremy, com o rosto vermelho.

— Senhor Jasper, nunca chame de mentiroso um homem sem conhecer a verdade dos fatos — advertiu-o o homem de roupas escuras. — Pergunte ao senhor Mac Grovem. Verá que não menti.

— Mac Grovem! Todo mundo fala dele. Será que é único que sabe de tudo aqui?

— Era o administrador e advogado de seu irmão. Ele lhe dirá o que sobrou do ouro. Se ele não se houvesse associado comigo, teria morrido pobre como um rato.

— Não é possível! Ele ganhou muito ouro... Ficou rico...

— Com a mesma facilidade com que enriqueceu, arruinou-se — suspirou Tsun-Hu. — Isto é muito comum aqui, senhores.

— Não acredito! Noah não era desse tipo de homem — protestou Jeremy Jasper veemente.

— Seu irmão não era melhor nem pior que os outros homens — declarou o oriental. — Tinha as mesmas fraquezas dos outros seres humanos. Gostava de jogo, de mulheres, de bebida... Pensou que sua fortuna nunca se

acabaria. Cometeu um grave erro. Quando quis recuperar-se, já era tarde. Teria sido pior, se eu não fosse seu colaborador e empregado na ocasião. Antes da ruína total, propus-lhe um pacto, e nos associamos.

— Associou-se com ele depois de sua ruína? — duvidou Kent.

— Pode surpreender-se, mas foi assim — suspirou o chinês. — Muita coisa ainda poderia ser salva. Obtive créditos, clientes com quem ele nem sonhava, em virtude de seus negócios arruinados. Conseguí salvar isto e fiz com que ganhasse dinheiro... enquanto pude.

— Certamente, alguém contribuiu para arruinar Noah — disse Jeremy, apontando o dedo acusador para Thai e gritando: — Foi ela, claro!

— Eu? — Thai recuou amedrontada. — Oh, não... Eu nunca...

— Senhor Jasper, continua a falar de modo leviano — replicou friamente Tsun-Hu. — Seu irmão arruinou-se com outras mulheres, como Samantha Colby, a mulher mais bela e frívola de São Francisco. Ao conhecer Thai,

sua vida começou a melhorar, e ele reabilitou-se em parte de seus erros. Não deve ofender as pessoas, sem conhecer os fatos reais.

— Sinto... sinto muito — balbuciou Jeremy, dando meia volta, saindo pela porta e gritando: — O que quero saber é por que meu irmão era outro homem, maldição...

Seus passos fortes foram ouvidos, martelando a calçada de madeira.

Ficaram sozinhos Kent, Thai Jasper e Tsun-Hu. Os dois orientais fixaram os olhos em Kent, como se quisessem penetrar em seu cérebro. Não conseguiram, porém. O rapaz suspirou, sacudindo a cabeça.

— Continuo sem saber o mais importante — disse ele.

— O que é, senhor? — interessou-se Tsun-Hu.

— Os *Dragões de Oeste e Aquele que Tudo vê*.

Os dois chineses trocaram olhares inquietos. Depois, ambos viraram-se para Kent.

— Quer mesmo saber? — murmurou o

oriental. — Ainda que isto signifique a sua morte?

— Ainda assim.

— Bem, então vou contar-lhe...

Quando se dispunha a falar, Thai soltou um grito agudo, terrível. Kent imediatamente atirou-se no chão e arrastou consigo a chinesa.

Sobre suas cabeças passou um largo e comprido facão chinês, indo cravar-se em uma coluna de madeira do *saloon*, cerca de cinco ou seis polegadas no rosto de Tsun Hu. Rápido, Kent sacou seu revólver engatilhando-o. Na parte alta do *saloon*, viu uma elástica e fugidia figura, perdendo-se entre cortinas de seda, bordadas em ouro e prata. Ao mesmo tempo em que apertava o gatilho, cravando uma bala no balcão superior, não longe de onde a sombra se perdia, ouviu-se, do lado de fora, um grito inconfundível: era a voz potente e clara de Jeremy Jasper. Houve mais

disparos, e pôde-se perceber o ruído de patas de cavalos a galope e outro grito de Jasper.

Kent, desprezando possíveis riscos, precipitou-se, gritando em tomo de si mesmo e chegando à porta. Os batentes cederam, e Kent saltou para a rua, com o revólver na mão, para proteger, se ainda houvesse tempo, seu companheiro e patrão.

Logo, viu que era tarde. Jasper jazia sobre seu próprio sangue no meio da rua.

— Jasper! — gritou Kent, correndo em ziguezague até o meio da rua empoeirada.

Conseguiu ver dois ginetes que se perdiam ladeira acima, com flutuantes blusões negros, de seda, e capuzes da mesma cor. As mãos enluvadas voltaram-se para ele, vomitando balas com seus *Colt*, na direção da figura agachada.

Kent pulou como um artista de circo e foi cair atrás de um bebedouro de cavalos, em frente a uma cantina da calçada oposta. Dali, fez fogo

duas vezes contra os fantásticos ginetes em fuga. Atingiu um deles, que caiu do cavalo, rolando na poeira. Outro se encolheu sobre o pescoço de sua montaria. Mesmo aquela distância, Kent estava seguro de que havia manchas de sangue salpicando as costas do blusão negro do fugitivo.

Angustiado, olhou para Jeremy, que se agitava sobre o charco de sangue que formava na terra. Kent gritou para algumas pessoas que testemunhavam a cena.

— Rápido, avisem a um médico! Cuidem dele! Vou atrás desses fantoches assassinos!

E correu vertiginosamente para os cavalos atados a um poste. Saltou sobre um deles e o esporeou, em corrida desabalada atrás dos ginetes de negros; disposto a não deixar escaparem os covardes assassinos.

Passou a galope junto ao corpo imóvel de um dos fugitivos, que fora abatido por ele. Observou sua máscara de seda. Era grotesca

e temível ao mesmo tempo. Havia bordados no capuz de seda, em típico estilo chinês, um rosto de dragão...

Sem deixar de galopar, Kent inclinou-se, esticando o braço esquerdo, e descobriu o rosto do homem caído. Era um homem de inconfundíveis traços orientais, embora parecesse um mestiço, de cabelos não muito negros nem lisos.

Deixou o homem para trás e esporeou seu animal, indo perseguir os demais. A poeira levantada por sua montaria indicava a direção em que seguiam. Iam para a parte baixa da cidade, sem contudo, se desviarem das ruelas contíguas ao cais, O galope tornou-se mais difícil para Kent, pois ele evitava atropelar alguém ou precipitar-se sobre alguma cerca. Os perseguidos, sem dúvida, conheciam melhor o terreno. Por isso, mantinham a mesma velocidade. Desta forma, foram se distanciando paulatinamente, até que Kent

chegou aos limites de São Francisco e não viu qualquer indício.

Haviam desaparecido, sem deixarem outro sinal de sua passagem que não fossem a terra removida e a poeira levantada, que, aquela altura pousava mansamente no solo. Mais adiante, o chão tomava-se muito difícil de ser investigado. Havia tábuas escorregadias, úmidas, destinadas aos barcos de pesca. Também havia pequenos veleiros e, inclusive, barcos a remo. A extensão dos embarcadouros era razoável. As embarcações chegavam a mais de uma centena. Em frente a elas, havia pilhas de fardos, caixas e outras embalagens, muitas delas procedentes dos mares da china. Quanto aos ginetes empapuçados, todavia, nenhum sinal.

Preocupado, Kent olhou ao redor. Observou sinais de ferraduras nas madeiras molhadas. Seu próprio cavalo resvalava sobre elas, oscilando-as, já que muitas estavam colocadas sobre estacas, e sua única separação, entre

elas e o mar, eram cordas grossas, porém bastante frágeis.

Viu numerosos marinheiros e estivadores de São Francisco. A maioria era de orientais. Talvez setenta por cento de chineses de aspecto humilde e ar melancólico, carregando e descarregando mercadorias. Ninguém se preocupou com ele nem revelou saber alguma coisa sobre os ginetes.

Kent parou o cavalo diante daqueles homens e olhou-os fixamente. Eles o olharam também, indiferentes, com a inexpressividade própria de sua raça. O rapaz agitou na mão o capuz de seda com bordado de um dragão. Olhos oblíquos o fitaram, com ar indecifrável. Kent poderia jurar que, apesar disso, o medo era encoberto por aqueles olhos enigmáticos. Medo e superstição. Mas ninguém descolou os lábios ou fez qualquer gesto.

O rapaz parou bruscamente os olhos. Não, aquilo não era verdade. Alguém havia

esboçado um leve gesto. Leve, sim, mas suficiente para um observador sagaz.

Parecia um jovem oriental, mas não era. Tratava-se de uma mulher. Olhos amendoados, cabelos atados na nuca, como os de um rapaz. Roupas de homem à moda chinesa. Mas, possivelmente, como o homem que ficara caído em São Francisco, não era de pura raça amarela. Era uma mestiça de oriental com ocidental. Seus olhos tinham a expressividade do ocidente. Também os lábios, carnudos. Embora esbelta, miúda e com roupas masculinas, de carregador chinês, tinha protuberâncias reveladoras de seu sexo.

Ela lhe havia feito um gesto de assentimento. Foi um olhar furtivo para determinada embarcação, por cuja passarela iam subindo calmamente uns estivadores, parecendo alheios à presença de Kent.

Em seguida, a mulher com traços orientais, ao carregar um fardo, fez com a mão esquerda

um rápido gesto, como se lhe pedisse calma. Não devia precipitar-se, sem dúvida.

Kent compreendeu. Nem a moça nem ele revelaram emoção alguma. Pelo contrário: Kent limitou-se a girar a cabeça, fingindo olhar os barcos. Os olhos dos dois novamente se encontraram. Houve uma rápida concordância, que foi o bastante. Kent regressou a galope para a *Costa Bárbara*, bem no centro de São Francisco. Havia memorizado a embarcação assinalada pela moça. Era um pesado navio, com um nome: *O Dragão do Mar*. E com estivadores chineses.

— Outra vez um dragão, embora seja apenas o nome de um barco de cabotagem californiano, que comercia com as costas chinesas... — murmurou Kent, de regresso à rua das casas de jogo e de divertimentos da cidade às margens do Pacífico. Ao chegar, a primeira coisa que fez foi observar a rua, onde o sangue de Jeremy Jasper permanecia. escuro e seco, em meio à

poeira. Não viu o corpo de seu amigo. Inquieto, olhou em tomo.

— Não se preocupe, ele ainda está vivo. O doutor Elliot Warden cuida dele... Está em boas mãos.

Voltou-se e contemplou o enigmático e grave Tsun-Hu, o sócio oriental de Noah Jasper. Desceu do cavalo e caminhou para ele. Ao redor do chinês morto, havia um grupo de curiosos. Entre estes, o delegado.

— Reconhece isto? — perguntou, mostrando o capuz negro, a Tsun-Hu.

— Sim — disse, estremecendo, o sócio chinês de Jasper.

— É de um *Dragão*.

— Que tipo de dragão? — perguntou Kent asperamente.

— Vejo que há muitos no oeste.

— Exatamente um *Dragão do Oeste*. Um servidor de

*Aquele que Tudo vê*.

— E quem é *Aquele que Tudo vê*?

— Um deus, um mito... Não sei. Os

supersticiosos dizem que é um ser superior. Eu não me atrevera a afirmar tanto. Posso assegurar-lhe, porém, que ele controla o subúrbio da cidade, que tem servidores fanáticos sob seu comando e que sua palavra é lei entre todos os de minha raça.

— Inclusive você? — zombou Kent.

— Pelo menos, respeito a lei do silêncio. Se soubesse algo mais do que lhe disse, não o revelaria por nada do mundo, Kent.

— Por que não?

— Porque fazê-lo significa a morte.

— Estou certo de que No-ah morreu assassinado, não tenho dúvidas. Por acaso, ele enfrentou os *Dragões*?

— Não sei. É possível...

— O irmão dele nunca enfrentou ninguém. Não sabe nada sobre dragões, mas tentaram matá-lo em Kansas City. Depois, no caminho para a Califórnia. Finalmente, aqui, há poucas horas. Por que, Tsun-Hu?

— Não posso saber — desculpou-se ele. — Não faço parte do grupo.

— Você é um oriental — Kent aproximou-se dele. — Que tipo de atividades exercem os seguidores de *Aquele que Tudo vê*?

— Delituosas, imagino. Não sei, porém, em que consistem. É um tabu. Não se toca no assunto. Todos têm medo, respeito ou seja o que for. Não conseguirá descobrir nada, pode acreditar em mim.

— Começo a acreditar. Persegui um grupo que disparou contra Jeremy, embora eu não saiba o que queriam. Um deles atirou um facão contra mim.

— E contra Thai Jasper — acrescentou suavemente Tsun-Hu. — Como pode estar seguro de quem é a pessoa a quem se dirigia a arma? Inclusive, passou bem perto de mim...

— Não importa. O fato é que praticaram um atentado contra nós dentro do *saloon*. Imagino que o agressor escaparia.

— Imagina também que eu o deixei escapar ou que nós dois, Thai e eu, permitimos que fugisse, não?

— Não fui tão longe em minhas suspeitas, Tsun-Hu. Mas, seja como for, tenho certeza de que os *Dragões do Oeste* mataram Noah Jasper. Seu pescoço quebrado não resultou de nenhum acidente. Foi quebrado de

propósito...

Clemens Kent afastou-se, sem acrescentar mais nada. Silencioso, Tsun-Hu regressou ao interior do *Dragão de Seda*. Kent procurou a casa do doutor Warden.

## CAPÍTULO SÉTIMO

*Samantha Colby*

— Não se preocupe — disse o sorridente e grisalho doutor Elliot Warden, ainda em mangas de camisa. — Ele vai escapar.

— Então, ficará bom dos ferimentos?

— Sim, Kent. Seu amigo teve sorte. Recebeu duas balas, uma em cada braço. Outra lhe pegou o ombro, e a última acertou-lhe a orelha. Por isso, sangrou muito. Em poucos dias, estará novo em folha. Mais umas semanas, e poderá ser o que era antes.

— Isto me tranqüiliza — suspirou Kent, passando o lenço sobre o mato suado. — Obrigado, doutor.

— Ora. limitei-me a cumprir meu dever. Quer vê-lo agora?

Kent assentiu e foi levado à presença de Jeremy Jasper. O europeu estava meio

sonolento, mas consciente. Sorriu e estendeu-lhe a mão, com algum esforço e um leve gemido.

— Ola, Kent — cumprimentou-o.

— Olá, Jasper.

— Não puderam comigo — riu o ferido. — Minha pele é dura como a de um rinoceronte.

— Será bom ela continuar assim — disse Kent. — Estes sujeitos cada vez melhoram mais a pontaria.

— É mesmo... Se continuarem insistindo, acabarão por me transformar em peneira. Contaram-me que você os perseguiu. Quando receber minha parte da herança de Noah, vou aumentar seu salário. Isso, se quiser ainda ficar comigo, claro.

— Até agora, fiz pouco por você. Quase sempre me surpreendem...

Entregou ao ferido o capuz de seda preta. Jasper olhou a figura bordada de dragão. De pois, ficou contemplando Kent.

— Eram eles — estremeceu Jasper. — Podiam me matar. Nem sei por que ainda não o fizeram... Pegou algum deles, Kent?

— Está morto, mas não era um chinês puro. Esse capuz é dele. Havia mais cinco ou seis, que desapareceram nos embarcadouros do lado sul do cais.

— Desapareceram? Mas... como? Meia dúzia de homens não some assim...

— Foi o que eu pensei. Creio, Jasper, que estão escondidos em um determinado local desses embarcadouros. Trata-se de uma embarcação californiana, com tripulação chinesa. Chama-se *O Dragão do Mar*.

— *O Dragão do Mar*? — repetiu Jasper, arqueando as sobrancelhas. — Que tipo de embarcação é?

— Quem fala de *O Dragão do Mar*? — souou uma voz jovial na entrada do dormitório. — É o mais luxuoso e refinado cassino flutuante de toda a São Francisco, propriedade da bela Samantha Colby, a loura mais explosiva da *Costa Bárbara*.

Kent e o ferido voltaram-se surpresos. Viram um certo ar de aborrecimento no rosto do doutor Warden. O homem que acabara de chegar era jovem ainda, de uns trinta e cinco anos, alto, com um bigode fino, costeletas bem

aparadas, casaca à Príncipe Albert, com um Colide calibre 38 enfiado na cintura e calças cinzentas. Usava botas novas, engraxadas e brilhantes. Tirou o chapéu cinza, acrescentando em tom de desculpa:

— Perdoem-me intrometer-me na conversa, cavalheiros. Sou o administrador e advogado do falecido Noah Jasper, Selwym Mac Grovem...

— Ora, Mac Groven em pessoa... — disse Jasper. — Desejava conhece-lo, amigo... Já me falaram muito de você.

— Imagino — riu Mac Groven. — A herança de seu irmão Noah e tudo mais... Lamento dizer-lhe que ele não deixou testamento algum, salvo um legado em que nomeava herdeira universal de seus bens sua esposa Thai. Creio que não é o que esperava, não?

— Não, não é o que ele esperava — interveio Kent friamente. — Mas a senhora Thai Jasper prometeu a meu amigo uma parcela razoável dos bens de Noah, embora como uma concessão pessoal.

— Sem dúvida, a senhora Thai Jasper é

muito generosa

— observou em tom meloso o advogado. — Mas a fortuna do seu esposo não é tanto quanto ela imagina.

— Não há problema. Sabemos do que aconteceu: seu ouro dilapidado, a bancarrota... Ao morrer, só possuía o que ganhara na sociedade com Tsun-Hu... Mas creio que isto será suficiente, não?

— Suficiente? — Mac Groven soltou uma gargalhada e depois sacudiu a cabeça negativamente. — Não, senhores. Não é suficiente nem para a viúva. Noah Jasper não perdeu apenas seu ouro. Semanas antes de morrer, sacou todo o dinheiro que tinha no Banco de São Francisco. Quanto a seus negócios no *Dragão de Seda* estão hipotecados por uma grande quantia, confiscados por um grupo de credores e pelo próprio Banco, pois Noah falsificou documentos e fez uma hipoteca do que já estava hipotecado.

— Impossível! — Jeremy Jasper empalideceu intensamente. — Noah não podia estar arruinado e chamar-me para cá,

arruinando também a minha família.

— Lamento — suspirou Mac Groven. — São os fatos. E a pessoa beneficiária da primeira hipoteca está disposta a fazer valer seus direitos, frente ao Banco ou a quem quer que seja. Receio que leve a melhor, pois é bastante esperta e não costuma cometer erros.

— Quem é esta pessoa? — indagou Kent.

— Samantha Colby, proprietária de *O Dragão do Mar*, o cassino flutuante do qual vocês falavam... e velha amante de Noah, antes de seu casamento com Thai Jasper...

\* \* \*

Kent avançou pela passarela úmida. Em cima, na embarcação, os lampiões e enfeites eram todos orientais. Os servidores, chineses com calça amarela e blusa negra, adornadas de dragões. Moviam-se silenciosamente.

A entrada no cassino custava dez dólares, uma soma considerável, tendo-se em conta que não dava direito à consumação alguma. e o preço mínimo de tudo era um dólar.

Kent pagou, seguindo pela coberta, depois de receber um bilhete de seda. Serviam autêntico chá chinês, café aromático, bebidas, e havia acesso no interior da embarcação para duas salas: *sala de jogo* e *sala do prazer*. Nada mais óbvio, de acordo com os nomes. Kent entreviu belas mulheres, de ambas as raças, muito pintadas, mas pouco vestidas. Também ouviu o som de roletas e jogos de dados.

Tomou chá e pagou um dólar. Continuou passeando com indiferença. Aproximou-se da borda da embarcação e ficou olhando as águas escuras da enseada. Diante dele, a noite de São Francisco era um aglomerado de luzes, rebuliço. música e risadas. As famosas noites de *Costa Bárbara*: não desmereciam sua fama e popularidade em todo o oeste.

— Chá, senhor? — perguntou uma voz a seu lado. Girou um pouco a cabeça e recusou indiferente:

— Não, obrigado. Já tomei um há pouco.

— Por favor, tome outro... É um bom chá...

— insistiu a voz.

— Não, não — recusou de novo. — Se, pelo menos, fosse uísque...

— Meu chá é melhor.

Puseram uma xícara diante dele. Da penumbra, emergiu uma figura miúda, de curvas acentuadas debaixo das sedas orientais. Reconheceu o rosto, o cabelo escuro atado na nuca, a graciosa e ingênua beleza da moça.

— Oh, está bem — pôs dois dólares nas mãos da jovem.

— Vou tomar este chá.

Pegou-o e começou a mexe-lo com uma colher pequena. Estava muito açucarado. Ela, entretanto, falou muito baixo:

— Sabia que viria nesta noite. Foi uma intuição. Entendeu bem minha mensagem. Eles subiram a bordo... Os encapuzados. E aqui que se escondem.

— De modo que os *Dragões do Oeste* vem para *O Dragão do Mar* — brincou Kent.

— Sabe sobre isto? — estremeceu ela, olhando em redor.

— Sei — afirmou Kent. — Mas quero saber outra coisa.

Por isso vim aqui hoje.

— Que coisa?

— *A Porta da Grande Felicidade... Aquele que Tudo vê.*

— Cale-se, por favor! — tremeu a jovem desconhecida.

— Saber isso... significa morrer. Não tente chegar tão longe.

— Por que se preocupa com minha segurança? Mal me conhece...

— Inspirou-me confiança quando o vi. Pensei que... poderia libertar-me.

— Libertá-la? De quê? — surpreendeu-se Kent.

— De minha escravidão.

— Escravidão? Não há mais escravos nos Estados Unidos! Lincoln lutou por isso, e por isso ganhou uma guerra, moça.

— Isso foi para os negros, não para os amarelos. Eu fui vendida e comprada como escrava. E escrava devo continuar sendo. Não há lei que me proteja. Nós somos um povo oprimido,

inferior. Matar um chinês é menos grave que matar um pele-vermelha ou um negro. Ninguém é condenado.

— De quem você é escrava?

— De Mac Groven, meu atual anjo.

— Como? — sobressaltou-se Kent, quase derrubando sua xícara. — Selwyn Mac Groven. O advogado?

— Não, de seu irmão mais velho: Angus Mac Groven. É um traficante desalmado, um canalha. Vesgo, disforme, brutal... — a jovem tremeu levemente. É o dono deste barco e protetor de Samantha Colby, que dirige o cassino...

— Mac Groven não me falou deste irmão...

— Os dois não se dão. Selwyn, o advogado, é um homem decente. Angus é o contrário: um pirata sem consciência. Traz ópio para a Califórnia e vende para um bando de viciados... Aqui mesmo, a bordo, há agora... Parou de falar e, rapidamente, mergulhou na penumbra, como se acabasse de servir o chá a Kent e continuasse seu trabalho, indiferente a tudo. Kent virou a cabeça, fingindo saborear o chá.

Deparou-se com uma belíssima mulher. Esta não era oriental, mas branca. Muito loura, alta, de formas exuberantes, usando um traje de seda oriental que lhe realçava a figura.

Dois penetrantes olhos verdes fixaram-se em Kent. Este reparou na sensualidade da mulher, cujo decote do vestido aumentava-lhe o busto generoso.

— Um rosto novo em meu cassino — disse ela com voz insinuante. — É forasteiro em São Francisco, rapaz? — ele assentiu, e ela continuou: — Sou Samantha Colby e dirijo este cassino flutuante — informou ela. — Quer jogar, beber... ou divertir-se de outro modo, forasteiro?

— Gosto de chá — disse o rapaz, terminando de bebê-lo e depositando a xícara sobre uma banquetta.

— Não gosta de bebidas... nem de mulheres? — riu ela provocante.

— Sim, gosto. Mas não tenho muitos dólares. Sou vaqueiro e ganho pouco, beleza.

— Às vezes, isso não tem importância —

aproximou-se dele, e Kent sentiu o roçar de seu corpo. — Quando um rapaz é atraente, bonito e alto, tem muito a ganhar em meu cassino. Venha, vou acompanhá-lo. Pode beber, jogar e, inclusive, divertir-se, sem que lhe custe muito dinheiro. Bastará que tenha sorte no jogo... Como se chama?

— José Clemens Kent.

Ela rodeou-lhe o pescoço com um braço, beijou-lhe a boca e disse:

— É um nome muito longo. Vou chamá-lo de Kent...

— Muitos o fazem... Pode chamar-me de Kent. Eu a chamarei de Sam...

— Sam... — riu ela suavemente. — É bonitinho. Sim, Kent, pode chamar-me como quiser... Venha, amor... Vamos, antes de tudo, jogar. Umas poucas fichas lhe bastarão. O resto, a roleta fará por você...

Kent seguiu-a. Ela ia pendurada literalmente em seu braço. O jovem olhou para trás, em busca da moça de feições exóticas, mas não a viu em nenhum lugar. Não insistiu na busca para evitar que a moça sofresse problemas a

bordo, acima de tudo. Sua segurança pessoal não lhe importava muito.

Entrou na sala destinada ao jogo. Ficou surpreso. Era um autêntico cassino flutuante, capaz de competir com o melhor *steamboat* do Mississippi.

Havia numerosas mesas de jogos de cartas, dados... e a roleta. Nela, com fichas que lhe cedeu Samantha Colby, em troca de uns poucos dólares, arriscou-se a apostar. Teve sorte. Pelo menos, foi o que aparentou. Mas não. Kent estava seguro de que aquilo não era sorte nem nada parecido. Simplesmente, como em todo cassino, flutuante ou não, havia trapaça. A casa, se quisesse, jogava com as vantagens de seu lado. Ou com desvantagens, se assim era ordenado. Fora o que sucedera.

Por isso, ganhou uma, duas, três vezes.

Lembrou-se de Saint Louis. Ali, perdera muitas vezes assim. Sem dúvida, era melhor

ganhar, mesmo sabendo que a custa de trapanças. Uma fraqueza bem humana. Principalmente naquele caso, em que ele não havia pedido nada e não tinha culpa no jogo sujo que faziam.

Ganhou até quinhentos dólares. Ia continuar apostando quando a mulher pôs a mão sobre a dele.

— Não — cortou Samantha, com um sorriso insinuante.

— Por hoje, chega. Não é bom abusar da sorte, querido...

— Mas são só quinhentos — Kent mostrou-se cínico. — Chegam?

— Claro, meu amor... — arrastou-o praticamente da *sala de jogo*. Ele seguiu-a, simulando resistir. Era bom que ela pensasse assim. Na realidade, ele também fazia seu jogo. Enlaçados, avançaram para a *sala do prazer*.

\* \* \*

— Kent... Você é maravilhoso — murmurou

Samantha, elevando um pouco mais a chama do lampião. Do lado de fora, as ondas batiam no casco do barco. Ela caminhou pela cabine decorada com motivos orientais.

— E você é um sonho — sorriu Kent, começando a vestir-se. — Mas um sonho do qual eu não queria despertar.

— Eu te adoro, meu belo desconhecido — rodeou-o com seus braços amorosos e beijou-lhe o torso ainda nu. — Afinal de contas, você é um homem de quem nada sei e a quem nunca vi antes desta noite...

— Isso é muito importante?

— Não — riu ela. — Mas pode pensar que sou uma mulher qualquer, como as que você deve ter conhecido em Dodge. em Dallas...

— Esses lugares ficam muito longe, Sam. Estou mais para o oeste, O oeste onde todos buscam fortuna, ouro, riqueza, poder...

— São poucos os que o encontram, querido. Não é nada fácil...

— Você parece ter tudo isto, Sam.

— É diferente. Tenho talento — tocou na testa com o indicador — e sei utilizá-lo, Kent. Não procurei minas de ouro nem nada

parecido.

— Alguém me contou que você procurava os que encontravam minas de ouro — disse Kent em tom frio.

— Como? — surpreendeu-se ela. — Quem lhe disse tal coisa, Kent? Pensei que você fosse apenas um forasteiro que não sabia nada sobre São Francisco e sua gente...

— E é verdade: não sabia nada. Mas vim com um homem chamando Jeremy Jasper. Deve conhecer seu irmão Noah, beleza.

Os olhos de Kent mantinham-se gelados, fitos nela.

— Veio a meu barco espionar, não é? — enfureceu-se ela.

— O que é que você acha? — sorriu Kent, tirando um fino charuto de cima da mesa e acendendo-o, sem desviar os olhos da mulher.

— Não gosto de espões nem farsantes — falou Samantha, amarrando na cintura seu quimono chinês, enfeitado com dragões. — Me dão nojo, Kent.

— Refere-se a mim?

— A você também. Saia deste barco antes que seja tarde.

— Tarde para que? — sorriu Kent. — Não vai dizer-me que isto não é parte de uma ratoeira para o amigo de Jeremy Jasper...

— Não sabia quem era você — murmurou ela furiosa.

— Saia, idiota!

— Não, querida — falou uma voz dura e gelada às costas dela. — Clemens Kent não vai sair. Ainda não.

O rapaz voltou-se, com a mão no revólver. Mas só o tocou rapidamente, como se a arma lhe queimasse os dedos. Estava seguro de que, se sacasse, duas armas apontadas para ele cuspiriam chumbo se vacilar.

Um homem estranho, com uma venda de couro sobre um dos olhos, nariz adunco, barba rala, cabelos compridos, avermelhados, e de rosto semelhante a outro bem mais jovem, que ele era familiar, observava-o da entrada do camarote de Samantha, empunhando um revólver. A arma estava engatilhada, assim como as de seus dois

capangas chineses, que se mantinham em silêncio.

— Creio estar diante de Mac Groven — falou Kent friamente. — Angus Mac Groven, irmão de Selwyn.

— Acertou.

O homem riu duramente. Sua voz, chiada, em nada se parecia, porém, com a do irmão. O sujeito prosseguiu:

— Sou Angus, e entre mim e meu irmão há apenas uma ligeira semelhança. Ele trabalha ao lado da lei. Eu, à margem dela.

— Isto significa que vai até o crime? — indagou Kent.

— Se for preciso... — soltou uma gargalhada desagradável.

— Noah Jasper, por exemplo?

— Faz muitas perguntas, forasteiro. Samantha, você mostrou-se fraca. Este sujeito é perigoso.

— Eu não podia saber... — protestou ela.

— Mas tomou a equivocar-se. Eu o vi em São Francisco. É amigo do outro Jasper e de meu irmão. Também de Thai e Tsun-

Hu. Gostaria de saber o que faz aqui e por que veio...

— Receio que jamais vá saber, Mac Groven — replicou Kent agressivo. — Sou duro de briga.

— Imagino — o único olho de Angus Mac Gravem brilhou maligno. — Por isso não vou interrogá-lo. Simplesmente, vou mandá-lo até alguém que sabe de tudo isto melhor do que eu. Uma mente superior vai decidir sua sorte, Kent.

— Quem?

— *Aquele que Tudo vê.*

— Não, não creio que chegue a tanto — Kent soltou uma baforada do charuto. — Tenho certeza de que não me levará até ele.

— Engana-se. Vai cruzar a *Porta da Grande Felicidade*, e ele decidirá a seu respeito.

— Como pensa levar-me?

Kent, de repente, segurou o charuto aceso com uma das mãos e, com outra, tirou de sob o chapéu um cartucho de dinamite, O pavio ficou perto do charuto aceso.

Samantha recuou assustada. Também os chineses fizeram um movimento instintivo de recuo. Somente Angus Mac Groven, o perverso caolho, riu entre dentes, sem mostrar-se abalado.

— Que acha que vai fazer, Kent. — riu tranqüilo.

— Dinamitar o barco. Morrerão comigo, se tentarem algo — a brasa do charuto brilhou junto ao pavio curto. — Se acha que não sou capaz disso, é porque não conhece Clemens Kent.

— Não faça tolices — riu o homem do olho vendado. — É melhor que venha por bem. Não ganhará nada com a violência, Kent.

Kent sentia-se estranhamente aturdido. Seus olhos estavam nublados. Ainda assim, permaneceu firme, sem afastar o charuto da dinamite.

— Pela última vez — ameaçou. — Deixe-me sair daqui, Mac Groven. Seu irmão precisa saber alguma coisa sobre todos vocês. Ele e o delegado de São Francisco, Clark Boyman.

— Não — negou Mac Gravem, sem desviar os olhos dele. — Foi você quem quis, Kent. Agora, tudo vai ser pior. Sinto muito... Avançou alguns passos. Fez um gesto para os chineses, que também se aproximaram. Kent, sem vacilar, encostou o charuto na mecha. Esta pegou fogo e começou a chamejar na mão firme do forasteiro.

Bruscamente, porém, algo aconteceu. Kent hesitou. Tentou reagir, mas não pôde resistir, suas pernas dobraram-se, e seu corpo caiu. Não conseguiu nem segurar o cartucho. Ficou de bruços no camarote de *O Dragão do Mar*.

Samantha e Mac Groven trocaram um olhar. O caolho rapidamente esticou a perna e apagou a mecha do charuto. Os chineses inclinaram-se sobre Kent e algemaram-no.

— Ainda bem — suspirou Samantha aliviada. — Você sabia que ele fumaria um desses charutos com narcóticos?

— Não — riu o caolho. — Se não fumasse, todavia, nós o teríamos matado aqui mesmo.

Agora vou leva-lo à presença de *Aquele que Tudo vê*. Mais jamais contará isto a alguém, Samantha. Não viverá para tanto.

— É preciso mesmo que ele morra? — estremeceu ela.

— Não sei — a expressão de Angus Mac Groven era sinistra. — *Aquele que Tudo vê* decidirá. Espero que você não se oponha à sua vontade.

— Oh, não... Que horror! Será como ele quiser...

A mão de Angus Mac Graven acariciou o queixo de Samantha.

— Muito bem — disse. — Assim é melhor, beleza. Poderia, você também, cruzar a *Porta da Grande Felicidade*... Não gosto de que qualquer homem de boa aparência a atraia. Este homem veio aqui para procurar os *Dragões do Oeste*. E vinha preparado, com armas e um charuto de dinamite. Claro que não sou idiota, Samantha. Sabia que ele fumaria um desses aromáticos charutos...

— Quem pode ter lhe dado a pista? —

inquietau-se a mulher.

— Não sei, Samantha. Mas deve ter sido alguém... Alguém que nos traiu, é evidente. Se eu descobrir quem foi, será a sua última traição...

— Eu não fui! — protestou ela. — Apenas gostei da aparência dele.

— Não a acusei de traição... Só disse que quem nos traiu se arrependerá enquanto for vivo... Isto, se viver muito. Agora, vamos levar Kent. Seu desejo será satisfeito, embora não da forma como ele queria.

Os dois chineses tiraram Kent do chão e do camarote. Ninguém a bordo soube nada. O corpo de Kent foi arrastado por um corredor.

## CAPÍTULO OITAVO

### *Intimado a delatar*

Clemens Kent contemplou a porta laqueada e perguntou:

— Que é isso?

— A *Porta da Grande Felicidade* — responderam-lhe. O rapaz limitou-se a observar as tábuas de madeira, salpicadas de caracteres chineses. Conduziram-no por um corredor iluminado por archotes pendurados nas paredes, que cheiravam a incenso perfumado. Atrás dele, a *Porta da Grande Felicidade* fechou-se suavemente, sem ruídos.

— Esta porta só se atravessa por dois motivos: ser elogiado... ou morrer — informaram-lhe. — E ambas as coisas dependem de um só juiz: *Aquele que Tudo vê.*

Kent estremeceu e indagou:

— Vou conhece-lo agora?

— Sim, estará diante dele — disseram. —  
Frente a frente.

Kent calou-se. Compreendia claramente a situação. Lá se entrava para ser premiado ou para morrer. Não tinha dúvidas quanto a seu destino.

Tudo ali parecia um cenário de teatro. Uma representação grosseira de uma peça chinesa. O eterno espírito truculento e espetacular dos orientais estava bem presente.

As tochas, o corredor, os aromas, a fumaça embriagadora que se espalhava pelo ambiente... e, afinal, a *Porta da Grande Felicidade*, uma passagem vulgar para algum outro espaço.

Não sabia, não podia saber, se estava ainda a bordo. Não sentia o chão oscilar sob seus pés, mas isso nada significava. Talvez as águas

estivessem mansas, e *O Dragão do Mar* não balançasse.

Julgava encontrar-se no aposento destinado ao estranho personagem. Uma sala retangular, um pouco longa, com assentos em cores vivas. No fundo, uma espécie de palco, com uma cortina de tecido grosso, possivelmente de veludo ou de uma mistura de sedas, com estampas de dragões, á moda oriental. Kent pensou que podiam estar vendo-o do outro lado.

— É ridículo — bocejou, sem muito respeito. — Quando começa o espetáculo?

— Silêncio — ordenou um dos orientais que o conduziam algemado e sem qualquer possibilidade de fuga.

— Em poucos minutos, *Aquele que Tudo vê* estará diante de você, misero homem branco.

Kent nada falou. Deixou-se empurrar, sem tentar nada.

— E agora? — indagou sarcástico depois do empurrão.

— Agora. ficará sozinho diante de *Aquele*

*que Tudo vê.*

E assim foi. Deixaram-no sozinho; fechando a porta ao saírem. Ele esperou que alguém desse sinal de vida, que saísse de trás das cortinas.

Coisa que não tardou a acontecer...

\* \* \*

— Clemens Kent... Eu sou *Aquele que Tudo vê.*

Mesmo esperando por algo semelhante, o rapaz teve um sobressalto. A voz era rouca, profunda, quase animal. Olhou o dragão bordado na cortina espessa. Algo se movia atrás dela. Exatamente à altura do dragão, dos olhos do dragão, que eram abertos. Dois buracos por onde o fitavam olhos humanos e não olhos de dragão. Havia *alguém* ali.

— Olá — saudou Kent. — Ao contrário de você, eu nada vejo.

O tom zombeteiro com que o rapaz falava não passou despercebido à misteriosa figura.

— Está muito bem-humorado, Kent. Os que

vão morrer não costumam brincar.

— Morrer? Por que motivo, palhaço?

Houve uma pausa. O personagem misterioso parecia meditar.

— Ninguém pode ser muito curioso — disse. — Ninguém pode me combater, Kent.

— Eu não combato ninguém. Apenas luto por meus amigos.

— Seus amigos se chamam Jasper. São meus inimigos.

— Por que? — indagou Kent com grande interesse. — Um deles já não existe: Noah. O outro acaba de chegar de um país muito distante e nunca lhe fez mal.

— Um Jasper me prejudicou... ou pretendeu prejudicar. Eu nunca perdôo, Kent. Não conheço a palavra clemência.

— Já deu para perceber. Mas, se um Jasper lhe fez mal, foi Noah. E já está morto. Assassinado.

— Você sabe muito... ou julga saber, não é? A voz era fria, sarcástica e deformada. Talvez propositalmente, para não ser identificada.

— Sei muito pouco. Gostaria de saber por

que Noah morreu. Imagino, porém, que não me dirá.

— Não importa o que você sabe. Kent. Os mortos não falam...

— Do modo que este é o meu destino: morrer.

— Minha sentença não pode ser outra. Matou um de meus homens. Penetrou no barco onde eles se ocultam, onde temos nosso esconderijo, nosso quartel-general, às vezes. Merece a pena máxima, Kent.

— Como vou morrer? Afogado, no fundo do Pacífico, ou com o pescoço quebrado, como Noah?

— Meu carrasco predileto, Ming-Wo, vai decidir — disse a voz sarcástica. — Mas creio que ele gosta de partir pescoços... Não é verdade, Ming-Wo?

Kent girou a cabeça. Não conseguiu deixar de estremecer. Se aquele era Ming-Wo, dava para inquietar qualquer um. Um verdadeiro gigante oriental. Um monstro, capaz de matar um boi com os dedos.

Kent entendeu a causa do pescoço partido de Noah naquela praia. Nada de queda de cavalo, mas Ming-Wo, o carrasco de força demolidora e rosto de chinês.

— Não será nenhum prazer — disse Kent.  
— Mas será rápido...

— Oh, sim! Muito rápido. — soou uma gargalhada aguda vinda de trás da cortina. — Kent, depende de você ter um fim rápido e indolor... ou lento, com todas as agonias dos suplícios chineses. Meu povo conhece bem o assunto. Deve ter ouvido falar a respeito... Creio que sabe o que deve escolher. A morte pode ser rápida e suave... ou longa, lenta e dolorosa...

— Que devo fazer para escolher, palhaço?

— Falar. Dizer tudo o que sabe.

Ming-Wo afastou a cortina e desapareceu atrás dela.

— Não sei quase nada — disse Kent.

— Mentira sua. Sabe o nome de uma pessoa.

— Que pessoa?

— A que o trouxe aqui nesta noite. A que lhe deu nossa pista. Sozinho, nunca chegaria até nós.

— Engana-se. Eu sabia que Samantha Colby estava metida no caso. Foi amante de Noah Jasper. Isto me fez pensar que ela devia saber algo sobre a ruína dele. Agora, tenho certeza disto. Samantha e este rato desfigurado, Angus Mac Groven, arruinaram Noah, deixando-o na miséria. Talvez tenham usado até droga, como a que aspirei daquele charuto. Ópio ou coisa parecida. Os orientais são mestres neste assunto. Quando Noah percebeu, quis, talvez, vingar-se, denunciá-los à justiça. E vocês o mataram...

— Está rodeando minha pergunta, sem responde-la. Não me interessa esta história. Quero o nome do traidor que lhe passou nosso segredo. Você veio com muita segurança, Kent. Deve ter sido informado por alguém.

— Repito que é mentira — insistiu Kent.

— E eu repito que o mentiroso é você. Fale, Kent, ou Ming-Wo entrará em ação... do modo mais doloroso.

— Não posso dizer que não investiguei suas ações, fantoche. Só isso.

— Bem... Volte para a sua cela, para esperar a morte. Serão poucas horas... Seis ou sete, no máximo. Se pensar melhor, avise-me. Eu o ouvirei. Caso contrário, seu sofrimento poderá durar semanas inteiras. Chorará como uma mulher, suplicando para que o matem e quanto antes.

Kent cuspiu em direção a cortina.

— Não lhe darei este prazer — disse.

Houve um silêncio. Soou um gongo atrás da cortina.

Apareceram quatro chineses da seita maldita.

A voz aguda e disforme ordenou:

— Levem-no de volta. Vamos esperar que confesse. Se não confessar, a tortura começará dentro de algumas horas. Pense bem, Kent. A morte é o seu fim, Só você pode escolher entre uma morte suave e outra dolorosa, lenta, interminável, aterradora...

Kent não respondeu. Os chineses, depois de lhe vendarem os olhos com um pedaço de seda preta, levaram-no para o local onde ele estivera antes. Quando o deixaram, ele se viu em um quarto sem outra abertura que não uma porta. Algemado ainda, com os braços presos a uma barra de ferro junto à parede, ele julgou sentir uma leve oscilação sob seus pés.

*O mar, pensou. Continuo a bordo do cassino flutuante.*

Transcorreram algumas horas de solidão, sem que ele chamasse ninguém. Esforçava-se para descobrir alguma forma de fuga, mas sentia que jamais sairia vivo dali. Pensou em Jeremy Jasper. Sem ele, o homenzarrão europeu estaria agora à mercê de seus inimigos camuflados. Aquela seita oriental, chefiada por uma criatura que não se deixava ver, tinha algum motivo para terminar com Jasper. Kent, porém, ignorava que motivo seria. Teria mesmo Noah morrido arruinado? Será que Selwyn Mac Groven escondia a existência de

um irmão como Angus, envergonhado de seu caráter perverso? Qual a importância da bela Samantha dentro do grupo? Lembrou-se de Thai, a bela chinesa, esposa e viúva de Noah Jasper. E de Tsun-Hu, o sócio de Noah... Alguém ocultaria algo com relação ao falecido Jasper? E Anna Wong, a misteriosa mestiça que lhe indicou a pista dos *Dragões do Oeste*? Que representava ela naquele drama pincelado de farsa grotesca, com encapuzados, personagens misteriosos ocultos atrás de cortinas e coisas semelhantes?

Anna Wong... Se chegasse a saber que a escrava de Angus fora a informante, ela seria executada no ato.

Talvez até torturada. Não. Ele não contaria nada. A moça não merecia ser traída.

Houve um ruído na fechadura da porta. Kent virou a cabeça e respirou fundo, sentindo um calafrio. Já estava ali. As horas haviam passado rápido. A morte se aproximava. Lenta

e terrível. Os asiáticos eram mestres na tortura.

Abriu-se a porta da cela. Kent conteve um grito de surpresa.

\* \* \*

— Você! — exclamou ele. — Que faz aqui? Se a pegarem, morrerá.

— Vim salvá-lo — sorriu Anna Wong, serena e branca como uma miniatura de louça chinesa.

— Vá embora! — murmurou ele. — Não contei nada. Nem contarei. Ninguém saberá que colaborou comigo. Não arrisque a vida estupidamente!

— Não irei embora. Obrigada por não me delatar, mas acabaria delatando-me.

Kent apertou os maxilares com fúria e protestou:

— Nunca!

— Não sabe o que diz — ela sacudiu a cabeça suavemente, enquanto, com uma gazua, abria-lhe as algemas. — Confessaria sem perceber, inconsciente de tanta dor.

Usariam de torturas que sua mente ocidental nem pode imaginar.

— Você só tem sangue oriental nas veias, Anna?

— Não, meu pai era americano como você.

— Onde estão seus pais?

— Morreram — um brilho de ódio passou-lhe pelas pupilas. — Vítimas dos *Dragões do Oeste*, compreende?

— Sim, compreendo — pegou-a pelo braço, dirigindo-se para a saída. — Posso deixar o barco facilmente?

— Pode — sorriu ela. — Todos estão dormindo.

— Como é possível?

— Uma droga chinesa — sorriu ela de novo. — Misturada com o chá, dá excelentes resultados.

— Você é um diabinho — riu Kent afetuosamente batendo levemente no queixo da moça. — Suponho que virá comigo...

— Não, não posso. Sou escrava de Angus Mac Groven. Ele iria atrás de mim. Mandada que me surrassem e me jogaria no mar com uma pedra presa no pescoço.

— Ninguém lhe fará isso — replicou Kent taxativo. — Você fugirá comigo. Eu a defenderei dele e de qualquer um.

— Para ser sua escrava, precisaria comprar-me — afirmou ela. — Não, vá sozinho, que é melhor. Tome, isto pode ajudá-lo...

Estendeu-lhe um revólver calibre 45, carregado. Kent pegou-o com um suspiro. Era agradável sentir de novo uma arma entre os dedos. Sorriu, caminhando junto a Anna por um corredor de *O Dragão do Mar*. De ambos os lados, chineses armados dormiam profundamente.

— Voltarei com o delegado — prometeu ele. — E você será livre...

Chegaram a uma escada e subiram para a coberta por uma escotilha. Naquele exato momento, Kent viu Angus Mac Grovem e quatro orientais armados subindo a bordo.

— Para o chão! — ordenou Kent, derrubando Anna.

Disparou vertiginosamente contra os cinco. Mac Groven deu um grito, girou e caiu na água de novo. Seus cúmplices ergueram os rifles, apontando-os para o rapaz. Este não teve compaixão alguma. Seu revólver rugiu cinco vezes incessante. Os quatro chineses, abatidos a tiros, caíram, uns na coberta, outros nas águas lamacentas. Kent, porém, ao correr para a borda do barco, com a arma já descarregada, viu que um a canoa se aproximava pelo no. *O Dragão do Mar* estava agora ancorado fora do porto. Na canoa, vinham cerca de doze encapuzados de seda negra.

Dispararam contra o rapaz assim que ele colocou a cabeça para fora do barco. Kent agachou-se, deslizando até pegar a *Winchester* de um dos orientais abatidos. Revidou aos tiros, depois de jogar para o lado seu revólver sem balas. O rifle rugiu em direção da canoa que se aproximava impelida por remos.

Rápido, Kent correu para perto da assustada Anna Wong. Pegou-a energicamente por um braço. Ela olhou-o, sem saber o que ia fazer.

— Você viu — resmungou Kent. — Seu amo jaz no fundo das águas, com uma bala em seu maldito corpo. Você está livre, Anna, e vou levá-la comigo de qualquer maneira.

Se a deixo aqui, esta gente vai faze-la em pedaços. Vamos, não há tempo a perder!

Atirou-se com ela na água, do lado oposto ao da canoa. Ao nadar comprovou satisfeito que a jovem mestiça era boa nadadora.

Pisaram vivos em terra firme. Era o bastante para os dois.

## CAPÍTULO NONO

A *resposta*  
*esperada*

— De modo que é essa a história... — murmurou o delegado, fitando Kent. — E você garante que feriu Angus Mac Groven e matou vários chineses?

— Não sei se Mac Groven está vivo, pois ele caiu na água. Os orientais, porém, ficaram mortos no barco.

— Um oriental, Kent, não vale nada na Califórnia. Matar um chinês não é a mesma coisa que matar um homem, entenda.

— Acho isto um absurdo. Também existem brancos criminosos e...

— Sei o que quer dizer — cortou o delegado. — Mas não fui eu que fiz as leis. Limito-me a cumpri-las. Esqueça os chineses, sim? Irei com alguns comissários a este barco... e pegarei Samantha Colby, se ela

estiver lá.

— É o que espero, delegado — suspirou Kent, enxugando os cabelos molhados. — Sinto-me muito cansado e preciso descansar o mais breve possível. Também espero que a lei proteja Anna Wong de qualquer perigo.

— Sinto muito, mas não protegemos chineses...

— Oh, essas malditas leis injustas! — enfureceu-se o rapaz. — Está bem, eu tratarei de protegê-la.

— Acho melhor não se arriscar. Podemos desmantelar o barco, mas a seita continuará, oculta em algum outro lugar. Se querem a moça...

— Delegado, deixe que eu aja à minha maneira. Os riscos que possa correr são assunto meu.

Pegou Anna pelo braço e saiu do gabinete do delegado de São Francisco, batendo a porta atrás de si.

Uma vez sozinho, Clark Boyman esfregou o queixo e sorriu de modo enigmático. Depois, abriu a gaveta de sua escrivaninha e apanhou

um livro. Era um cartaz onde se ofereciam dez mil dólares por alguém. O retrato parecia-se muito com Kent, e o nome era o mesmo. Estava assinado pelo xerife de Saint Louis... Boyman levantou-se e caminhou decidido para o posto da *Western Union*. Entrou, inclinou a cabeça para o telegrafista.

— Quem passar um telegrama urgente — disse.

\* \* \*

Tsun-Hu e Selwyn Mac Groven olharam para seu visitante.

— Que quer exatamente? — indagou o administrador de Noah Jasper.

— Muitas coisas, Mac Groven. Por exemplo: o que houve para que a seita desses malditos dragões ficasse inimiga de Noah Jasper?

Os dois homens trocaram um olhar pensativo. Tsun-Hu permaneceu de pé, impassível como um Buda. Mac Groven continuou sentado em sua poltrona, no fundo do escritório, localizado

no melhor bairro de São Francisco. Depois de alguns momentos de silêncio, ele falou:

— Creio que é melhor contar-lhe a verdade, Tsun-Hu.

— Também acho. Ele já experimentou em si mesmo o perigo de enfrentar esta organização.

— E saí vivo — replicou Kent. — E não espero que haja uma segunda vez, Tsun-Hu. Não tenho medo deles e não me importo em morrer.

— No fim, eles sairão, ganhando. Foi o que houve com Jasper...

— E o que foi? — impacientou-se Kent.

— Ele era rico e poderoso. Achava-se mais forte do que todos. Foi o seu erro. Esta seita existe há centenas de anos, talvez milhares. Exige um imposto para “proteger” comerciantes e proprietários. Jasper negou-se a pagá-lo e foi ameaçado. Continuou negando-se, e as coisas começaram a correr mal para ele. Arruinou-se paulatinamente.

— Ele não podia suspeitar de que sua amante fazia parte da organização — resmungou Kent. — Continue, Tsun-Hu.

— Uma das coisas sensatas que eu fiz foi render-me às exigências da seita. Cheguei a convencer Jasper. Na ocasião, porém, correram rumores de que a seita se desmembrara. Julgava-se que o “mandarim” morrera.

— O “mandarim”? Quem era?

— Tse-Chang, um rico comerciante e dono de embarcações chinesas. Dizia-se que era *Aquele que Tudo vê*. Mas, sem dúvida, houve algum erro, pois a seita voltou mais forte do que nunca. Começou a praticar violências, assassinatos, incêndios, espalhando o terror por aqui. Paguei o que me pediram e convenci Jasper a fazer o mesmo...

— Sendo assim, que mal ele fez a esta seita? Foi o advogado quem respondeu:

— Casar-se com Thai.

— Mas por que? Por ela ser oriental e ele não?

— Não... Porque ela era viúva do “mandarim”, que talvez fosse *Aquele que Tudo vê*...

— Agora, já sabe — afirmou tristemente Thai.

— De modo que esteve casada... com um importante chefe da seita!

— Mais do que isso... Esteve casada com *Aquele que Tudo vê*.

Kent sacudiu a cabeça, passeando pelo aposento.

— Então, o “mandarim” era ele..

— Sim, era o cérebro da organização havia muitos anos.

— Mas a seita sobrevive, e seu primeiro marido morreu...

— É um posto hereditário, entende? A seita jamais morre, tem séculos de existência. Meu país é terra de organizações secretas e antigas.

— Sim, percebo muito claramente... Noah sabia que você era...

— A viúva do chefe de uma organização criminosa? — ela riu. — Sim, sabia. Não quis esconder-lhe o fato.

— Ainda assim, quis ser seu marido, não? A seita exige fidelidade eterna das viúvas de seus chefes?

— Nem sempre... Por iso, não tive medo. Só muito depois soube que meu falecido esposo

havia encarregado a sesta de velar por minha pureza, por minha fidelidade à sua memória... Todo homem que tivesse contacto comigo devia morrer. Percebe que terrível situação a minha? Quando soube, já era tarde. Noah estava condenado à morte. E morreu...

— Céus...! Que ritos incríveis...!

— Para um americano. Um oriental entende melhor.

— Existe algo que não muda: o crime. Esta seita, oriental ou não, é uma seita de assassinos. Como tal, deve ser tratada. São homens, não são deuses. Esta é a pura verdade, Thai.

— É possível, mas quem pode vencer a seita? Se os *Dragões* são mortos, resta o cabeça que os dirige e reorganiza o grupo. Se matam o chefe, os membros permanecem para escolher outro chefe secreto... É como um monstro de muitas cabeças e numerosas membros...

— Um autêntico dragão mitológico, diria eu — resmungou o rapaz irritado. — Mas todos os dragões lendários tinham um ponto fraco, e o cavaleiro aniquilava a fera

monstruosa. Espero que isto se repita agora. Clemens Kent inclinou-se diante dela, para sair do andar superior do *Dragão de Seda*. Chegou à calçada, com pisadas firmes, caminhando para a casa do doutor Warden, do lado oposto à rua principal, na populosa *Costa Bárbara* de São Francisco, onde gente de todas as profissões e todas as raças formava o conjunto da população californiana.

Quando Kent alcançava a porta da casa do doutor Warden, teve um palpito de que algo ia acontecer. Inquieto, olhou em torno de si. Talvez seu instinto de conservação o tenha salvado do pior. Isto porque, naquele exato momento, viu dois homens com rifles potentes, de alto calibre e precisão. Dois poderosos *Sharps* apontados para ele de um terraço próximo. O sol do meio-dia brilhou no aço das armas. Logo, explodiram duas detonações. As balas seguiam na direção de Clemens Kent.

\* \* \*

Só que ele já não se encontrava no mesmo lugar.

Com um impulso formidável, lançou-se embaixo da calçada da casa do doutor, girando incessantemente, enquanto seu revólver rugia duas, três, quatro vezes, com uma rapidez diabólica.

Em cima do terraço, um dos atiradores deu um grito agoniado e foi cair no meio da rua, onde permaneceu imóvel.

O outro atirador, não atingido por Kent, fez um segundo disparo com seu poderoso *Sharp*. O projétil estilhaçou uma vidraça atrás de Kent. Este girou sobre si mesmo e fez fogo. Apertou o gatilho pela sexta vez. E não falhou. A bala destroçou o crânio do emboscado, que oscilou, com o rosto coberto de sangue. Quando caiu na rua, já era cadáver.

Kent levantou-se e caminhou para os dois. Não eram chineses. Eram de sua raça. Dois

sujeitos de aspecto brutal e rude. Dois pistoleiros profissionais.

O doutor Warden, pálido e assustado, apareceu na porta de sua casa. Perguntou ansioso ao rapaz:

— Foi ferido?

— Não — negou Kent. — Mas tentaram...

— Céus...! Esta cidade está se convertendo em um perigo constante...

— Sobretudo para certas pessoas, doutor — sorriu o rapaz com frieza. Entrou na casa, indagando: — Como esta meu amigo Jeremy Jasper?

— Bastante bem — suspirou o médico. — Está lá em cima, com a esposa e os dois filhos mais velhos. As outras crianças, por sorte, estão brincando por aí...

Os dois homens riram. Kent subiu para ver o paciente.

— Teve muito trabalho com ele ultimamente? — indagou ao médico.

— Oh, não! É um homem forte, e seus ferimentos, como já lhe disse, não foram

graves. Se houvessem disparado só para assustá-lo, não teriam feito melhor... Em troca, quem esteve a ponto de morrer foi Selwyn Mac Groven.

— O advogado? — estranhou Kent.

— Ele mesmo. Tinha uma bala nas costelas. Uma de revólver de calibre 45. Parece que limpava, quando ela disparou... Por sorte pude extraí-la. Ele não queria que soubessem. Estava envergonhado de seu erro. Mac Grovem não é dado a armas, por isso estranhei.

— Sim... Além disso, ele costuma usar 38 e não 45.

— É verdade. Talvez tenha outra anua em sua casa, não sei... Tive que lhe fazer um curativo difícil, e ele foi para casa, coxeando um pouco.

— Ah, por isso não se levantou de sua poltrona... — Kent franziu o cenho. — Mas não me falou sobre o ferimento...

De repente, os olhos do rapaz brilharam surpresos. Fitou o médico e sacudiu a cabeça, desorientado.

— Céus...! — murmurou. — Será o que

estou pensando?  
Doutor, uma pergunta...

— Qual?

O rapaz fez a pergunta, e o medico, depois de meditar, respondeu justamente o que Kent esperava.

— Verei Jeremy mais tarde — disse bruscamente. — Tenho algo a fazer agora...  
E retornou à rua, onde grupos de curiosos rodeavam os corpos dos pistoleiros que ele liquidara.

CAPÍTULO  
DÉCIMO

*A grande farsa*

Foi como ele esperava. Parou na penumbra e observou a figura coxeante que descia do cavalo com dificuldade e caminhava em direção das rochas que rodeavam a praia deserta. Ali estava o perfil inconfundível de *O Dragão do Mar*, que Boyman e seus comissários não haviam sido capazes de localizar. Ali, distante quase três milhas de São Francisco, o refúgio da seita dos *Dragões*. Kent apanhou seu *Colt* e avançou. Viu subir a bordo o homem a quem seguia. Dispôs-se a subir também. Não havia passarela, mas o homem assobiou. Desceram uma escada de corda, por onde ele subiu, com dificuldade. Recolheram a escada. Kent utilizou-se da corrente da âncora para subir. A embarcação.

ao oscilar sobre as águas, emitia leves rangidos que ocultavam o som de seus passos. Evitou três orientais armados, que montavam guarda na coberta. Agachado, chegou a escada, que desceu com cautela. Lá embaixo, soavam vozes. Chegou a um corredor, no andar inferior do veleiro. Viu uma porta entreaberta. Pela decoração, não teve dúvidas: era a sala de *Aquele que Tudo vê*. Mas, desta vez, não havia encenação nas palavras. Três pessoas conversavam no local: dois homens e uma mulher.

— Espero que não o tenham visto abandonar a cidade à noite... — dizia um dos homens.

— Não, ninguém me viu — assegurou o outro, e Kent reconheceu a voz do homem que seguira. — Esse ferimento me dói muito...

— Podia ser pior — disse a mulher, e Kent surpreendeu-se ao identificar sua voz. — Quando Kent dispara, costuma matar. Teve sorte...

— Ainda precisa de uma lição — souu a voz

do outro homem. — Jeremy já teve o bastante. Imagino que irá embora quando Kent sair de cena.

— E a seita? — indagou a mulher.

— Será dissolvida. Ganhamos dinheiro suficiente. Sua idéia foi genial, querida. Iremos embora daqui, aproveitar o que ganhamos.

— Eu lhe disse que, com a morte do “mandarim”, podia-se ressuscitar a seita em nosso benefício.

Pelo vão visível da porta, Kent pôde ver um dos que falavam: Selwyn Mac Groven, o homem que ele seguira, o advogado e administrador de Noah.

— Espero que os verdadeiros sectários não queiram ir à forra em nós — comentou.

— Não diga bobagens, Selwyn — riu ela. — Morto o chefe, tudo terminou, mas ninguém sabia disso...

Kent pôde ver também a mulher. Era Thai, a bela viúva de Noah Jasper e, antes, do “mandarim”. Thai e Selwyn... Boa combinação. Faltava a terceira pessoa *Aquele que Tudo vê*, o

falso chefe de uma seita do oriente... O chefe de um grupo de assassinos e ladrões, simplesmente.

Kent tentou ver a terceira pessoa. Inclinou-se para enxergar melhor. Foi quando alguém deixou cair sobre sua cabeça um objeto contundente. Ele caiu, sentindo-se mergulhado nas trevas...

\* \* \*

— Ora, desta vez surpreendeu-nos a todos... Kent pestanejou. Trocou a cabeça, com um gemido. Seus dedos tinham sangue. Olhou para frente. Para as trás pessoas: Thai, Mac Groven e *Aquele que Tudo vê* Rodeando-o, havia seis homens com túnicas negras, armados, mas sem capuzes. Só dois deles eram orientais.

— Outra vez em suas mãos — resmungou Kent.

— Sou um idiota.

— Nem tanto — replicou Mac Groven. — Como chegou aqui?

— Seguindo-o, Selwyn, desde São Francisco. Suspeitei de você quando o doutor me disse que retirou de seu corpo uma bala de calibre 45. Você sempre usou um *Colt 38*. E eu acertei uma bala de calibre 45... Mas em Angus Mac Groven. E você, com uma peruca, um olho vendado e mais alguns disfarces, podia passar muito bem por seu irmão. Alguém me disse que nunca os vira juntos. Isso era concludente. Segui-o, convicto de que me traria ao esconderijo que usam.

— Mas saiu-se mal — sorriu Thai friamente.

— Sim, errei de novo — olhou para os três.  
— Thai Jasper, Selwyn Mac Groven... e *Aquele que Tudo vê*. Bonito grupo de canalhas... Nada de seita fanática nem de poderes orientais e alguns chineses adestrados.. Morto o “mandarim”, terminou tudo. Mas a bela e astuta Thai teve um plano: continuar assustando as pessoas, cobrando “proteção”. Dinheiro fácil...

— Suponho que sabe quem sou eu — suspirou o terceiro personagem.

— Não, não sei... Mas desconfio de que é Noah Jasper, o irmão morto der Jeremy —

revelou Kent, com voz gelada.

— Acertou — riu o homem entre dentes. — Como conseguiu?

— Tem certa semelhança com Jeremy. Além disso, com Thai e Mac Groven a seu lado, a dedução foi fácil.

— Como explicará que eu esteja vivo e morto ao mesmo tempo? — zombou Noah. — Todos sabem que meu corpo jaz em uma cova em São Francisco.

— Não será difícil explicar. Você tem recursos. Esperaram um cadáver um pouco parecido. Devem tê-lo maquilhado, para aumentar a semelhança. Quebraram-lhe o pescoço. Tinha arranhões de pedras e areia no rosto. Thai e Mac Groven o identificariam. Um enterro rápido, e caso concluído.

— Acertou quase tudo — sorriu Thai. — E os motivos do plano?

— Imagino. Você era amante de Noah, antes do casamento e tudo mais. Contou-lhe o que sabia sobre a seita. Creio que jamais encontrou montanhas de ouro, Jasper. Fingiu ser mais rico do que era, estando à beira da ruína. Esta farsa que montaram

resolveu tudo. Obtiveram dinheiro fácil, depois de fingir que tinha chegado à ruína, por causa do jogo e outros vícios. Na realidade, sempre esteve arruinado.

— Mas mandei vir meu irmão Jeremy. Depois, a seita tentou matá-lo...

— Nunca tentaram realmente. Pretendia apenas assustá-lo, para que ele regressasse à Europa ou fosse para qualquer outro lugar.

— Como explica que eu o tenha chamado para depois expulsá-lo? — riu o “ressuscitado” Noah Jasper.

— Há várias explicações. Digamos que, ao mandar-lhe o dinheiro para que viesse, era para algum projeto desesperado, que pudesse refazer sua vida, com seu irmão ajudando-o. Thai, porém, apresenta-lhe uma forma nova de viver rico e na impunidade. Fingindo, inclusive, não existir, para que não se suspeitasse de você. A chegada de Jeremy, neste caso, seria um transtorno. Decidiu fingir os ataques, só para feri-lo levemente e assustá-lo. Não deu certo, porque ele chegou comigo. Deve ter se sentido burlado, não, Noah?

— Um pouco, confesso — riu o criminoso.

— Agora, você pagará, Kent. Vou matá-lo rapidamente...

Neste momento, soaram vários disparos de rifle do lado de fora. Jasper empalideceu, e Thai inquietou-se. Mac Groven correu, coxeando, para o buraco da fechadura.

— Que se passa lá fora? — vociferou o advogado. Kent sorriu, sob a ameaça dos rifles.

— Esqueci-me de contar-lhes algo — falou. — Atrás de mim, vieram Boyman e trinta comissários armados. Agora, eles rodeiam o veleiro por terra e por mar. Não têm saída, amigos...

Jasper praguejou furioso. Pegou Thai pelo braço, pretendendo fugir. Kent, rápido, aproveitou-se da confusão reinante. Com um empurrão, afastou um dos bandidos, tomando-lhe o rifle. Apontou para todos. Dois dos pistoleiros, de raça branca, tentaram revidar ao ataque. Kent atirou duas vezes, perfurando-lhes o crânio. Os demais

mantiveram-se quietos. Com exceção de Jasper, que tentou sacar a arma. Kent apertou o gatilho pela terceira vez.

Noah gritou, com a mão arrebatada por um balaço. Encolhido, olhou com ódio e terror para Kent, que lhes avisou:

— Nem um movimento mais, amigos. O primeiro que fizer algum gesto suspeito será fuzilado. Esta bela fantasia oriental terminou...

E assim os encontrou Boyman, ao chegar, com seus comissários, ao camarote que servia de gabinete ao homem que se fizera chamar *Aquele que Tudo vê*.

## EPÍLOGO

— Parabéns, Kent — disse Clark Boyman, apertando cordialmente a mão do jovem. — Graças a você, um grupo de bandidos da pior espécie caiu na rede. Espero que isto deixe as coisas mais tranqüilas em minha cidade.

— Eu também espero — afirmou Kent, olhando de esguelha para o abatido Jeremy Jasper e sacudindo a cabeça. — Sinto por ele... Pobre Jeremy. Foi duro saber o tipo de sujeito que era seu irmão...

— Kent, há algo que Noah não lhe confessou — disse Boyman pensativo. — Sabe que ele nunca escreveu ao irmão Jeremy nem lhe mandou dinheiro?

— Céus, não...! — surpreendeu-se Kent. — Então, quem o fez?

— Eu — souu uma voz perto dele.  
Kent voltou-se e contemplou assombrado a moça sorridente.

— Mac Groven sempre enviava cartas a Jeremy Jasper. Eu suspeitava de que os dois irmãos eram um só, mas não tinha provas, — explicou a moça. — Eu vira uma carta para

Jeremy Jasper, na Europa, escrita por seu irmão Noah. Estava no bolso de Mac Groven. Copiei a letra. Sempre tive habilidade para isso. Tirei dinheiro de Mac Groven e o enviei para a Europa em uma carta falsa. Fiz isso o mais rápido possível, e o stratagem deu resultado. Eu queria que a família de Jasper viesse. Assim como desconfiava de Mac Groven, tinha certeza de que Jasper era culpado de algo relacionado com a seita... Depois, sua pretensa morte, fez-me pensar que eu me enganara. Fiquei com medo. Temi que tudo se complicasse tremendamente ao chegar o homem da Europa, e descobrissem minha iniciativa.

— Anna Wong, você teve uma feliz idéia — sorriu Kent, apertando-lhe a mão com força e carinho.

— acredite-me, uma feliz idéia... É uma moça audaz, inteligente... e terrivelmente complicada.

— Então, não quer... que eu seja... sua escrava? — lamentou-se ela.

— Por Deus, que idéia...! — disse Kent surpreso. — Minha escrava? Você agora está livre...!

— Não, não... Sou escrava, entende? Devo segui-lo para onde for.

— Bem, o certo é que agora vou procurar algum trabalho, aqui ou em outro lugar. Não tenho condições econômicas para manter escravas, acredite-me...

— Oh, que será de mim? — murmurou ela.

— Bem, podia levá-la comigo... Não como escrava, mas como companheira — sorriu Kent. — Só companheira... Mais adiante, falaremos de seu papel... no futuro, junto a mim, Anna Wong, se realmente quer continuar em minha companhia,

durante um longo tempo...

— Oh, quero sim! — ela beijou-lhe a mão, que ele retirou constrangido. — Irei com você de qualquer maneira...

Boyman riu, piscando um olho para Kent. Este contemplou a moça pensativo. Sacudiu a cabeça, com um brilho de ternura nos olhos.

— Delegado, nós dois vamos partir — disse enfim o rapaz. — Antes, porém, talvez deva dizer-lhe que...

— Não diga nada — cortou Boyman, mostrando-lhe algo que tirou do bolso. — Leia isto. Perplexo, Kent leu. Era um telegrama passado de Saint Louis.

*Clemens Kent tem a cabeça a prêmio. Demonstrou sua inocência supostos delitos.*

*Juiz federal reviu caso e decretou pena de morte para Archie Benson, pai. Executado na forca por crimes cometidos. Saudações.*

*Xerife de Saint Louis,*

Kent respirou fundo.

— Obrigado — murmurou. — Obrigado, Boyman. É uma grande notícia... Vamos, Anna?

— Sim, meu amo... Vamos — assentiu ela.

Kent colocou-a na garupa do cavalo e sacudiu a cabeça.

— Vou ensina-la a não me chamar de amo, mas de Clemens — disse. — Só que isso vai levar tempo...